



— S — 11 27 5 2 1

/RelevO

Só existe Fake News porque existe leitor de crônicas de amor escritas por jovens de 20 anos

Se Goethe, autor do enfadonho *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, estava certo ao dizer que nada descreve melhor o caráter de alguém do que aquilo que ele acha ridículo (consultar no Google a veracidade da informação), nós, do **RelevO**, acreditamos que somente é possível a existência de um periódico de literatura se ele, primordialmente, rasgar-se perante o próprio meio de atuação: não pode haver um assunto sequer que não seja digno de ser ridicularizado, do editor ao pardal que faz ninho nos restos sepulcrais do periódico.

Mas não se apresse na conclusão: não estamos a dizer que temos bom caráter, que buscamos fazer o certo e que defendemos os pobres filhotes de pardais da sanha de gatos atentos. Nosso intuito é checar os discursos internos e duvidar de quem surge com uma massa encefálica de convencimento – um princípio jornalístico se entendermos o Jornalismo para além dos robôs de fazendas de likes. É fugir da vulgaridade do chavão e não sair acreditando na notícia do artista que implantou partes de cachorro no rosto.

Emil Cioran, vagabundo notório, em tradução de José Thomas Brum (a conferir), dizia no seu *Breviário da Decomposição* que: “Basta-me ouvir alguém falar sinceramente de ideal, de futuro, de filosofia, ouvi-lo dizer ‘nós’ com um tom de segurança, invocar os ‘outros’ e sentir-se seu intérprete, para que o considere meu inimigo. Vejo nele um tirano fracassado, quase um carrasco, tão odioso quanto os tiranos e os carrascos de alta classe.”

Bem, não cultivamos inimigos mortais, mas temos alguns alvos regulares – da vaidade intrínseca do meio aos discursos de vitimização. Somos, de fato, apenas um jornal de papel que busca se divertir a partir do erro de nascer. Nosso principal inimigo é o tempo. Depois, a água. Por fim, as traças e, novamente, os gatos, que insistem em afiar suas garras em nossas páginas antes de abocanhar pardais. (Gostamos de gatos, menos em haikais.)

Sabemos que o humor é apreendido a partir das raízes da sociedade. Rimos para quem nos ri. Um papagaio falastrão é perfeitamente comunicável para um público acostumado com um certo conjunto de levezas obscenas. Uma boa piada sobre judeus, contudo, exige, para ser uma piada não reiterativa de discursos cansados, que trabalhem com mais aspectos do ridículo existencial que é acordar para um dia morrer, saindo de lugares geralmente habitados. Interessa-nos, ao nosso modo, tudo aquilo que é oposição ao domínio estabelecido. (Até por isso, somos um impresso sem fins lucrativos. Para odiar com classe, é preciso não ganhar dinheiro, para o ódio não perder a pureza.)

Fiquemos novamente com Millôr Fernandes (chegar): “O homem é o único animal que ri. E é rindo que ele mostra o animal que é”.

/UP

Muita coisa mudou desde o início do curso de Jornalismo da Universidade Positivo, há mais de treze anos. O curso viu, cresceu e absorveu as diversas mudanças sociais e tecnológicas que impactaram a vida de quem, de algum modo, se informa e busca compreender a vida contemporânea.

O Jornalismo, sabemos, é uma profissão dinâmica, por meio da qual a sociedade pode expressar seus anseios e preocupações, sendo essencial, portanto, para a consolidação democrática. E, por mais que a tecnologia tenha trazido desafios à atividade jornalística, o caráter humano e interpretativo proporcionado pela profissão segue fundamental para a busca intangível pela verdade, que exige técnica e princípios.

Durante estes treze anos, o curso de Jornalismo da UP foi o que obteve o maior número de prêmios acadêmicos entre as instituições do Sul do Brasil, conquistando certames regionais, tais como o Prêmio Sangue Novo no Jornalismo e a Expocom Sul, e nacionais, como o Prêmio Expocom Nacional, Jovem Cientista e Tim Lopes de Jornalismo Investigativo. É um reconhecimento à nossa busca por capacitação e por interpretação dos novos tempos e também por priorizarmos a relação entre a teoria e a prática a partir de diversos projetos desenvolvidos por professores e alunos.

A parceria impressa com o RelevO, importante periódico literário da atualidade, fundado dentro da nossa instituição, em 2010, integra a série de ações da Startup DEV, evento de lançamento do curso de Jornalismo da UP na Sede Santos Andrade, no Centro de Curitiba. A semana será marcada por palestras, debates, oficinas e uma exposição cujo tema principal é fake news. O mote do evento é auxiliar pessoas, em especial graduandos de Jornalismo, a aprender sobre a internet e como criar produtos digitais, mas também promover a reflexão sobre o que é esse meio e quais as consequências do uso dele.

A Startup DEV é mais um passo que damos na busca por acompanhar os velozes tempos em que vivemos e por valorizar iniciativas que priorizem o fazer literário, importante campo de discussão de ideias, temáticas e motivações históricas, capaz de auxiliar na formação de sujeitos ativos e críticos, e a convergência entre plataformas.

Acreditamos que os jornalistas com sólida formação acadêmica, ética e cultural são vigilantes da sociedade perante os desvios de qualquer ordem contra a liberdade e a justiça individual e coletiva. Nossos alunos não se formam somente jornalistas. Se tornam parte fundamental da democracia.

EDITOR: DANIEL ZANELLA
EDITOR-ASSISTENTE: MATEUS RIBEIRETE
OMBUDESMAN: RICARDO LÍSIAS
REVISÃO: MATEUS SENNA
PROJETO GRÁFICO: MARCELI MENGARDA
LOGÍSTICA: THAÍS ALESSANDRA TAVARES
REDES SOCIAIS: FELIPE GOLLNICK
ADVOGADO: BRUNO MEIRINHO OAB/PR 48.641
IMPRESSÃO: GRÁFICA EXCEUNI
TIRAGEM: 5.000
EDIÇÃO FINALIZADA EM 01/11/2017

imagens desta edição

A ilustração da capa é de Foca Cruz, e os desenhos nos livros das centrais são de Vicente Mengarda Wyler, 4 anos. A mãe dele deixou.

textos desta edição

Colaboraram com textos para essa edição: Bolívar Escobar, Daniel Zanella, Felipe Gollnick, Marcell Mengarda, Mateus Ribeirete e Vinícius Perez.

assine/anuncie

Somos um impresso sem fins lucrativos que sobrevive apenas por dois meios: assinantes e anunciantes. Fale conosco no contato@jornalrelevo.com e combine de receber o jornal mais aleatório do Brasil em casa ou divulgue seu trabalho, sua marca, seus projetos culturais.

SEBRAE

 **UNIVERSIDADE
POSITIVO**

Brasil tem seu primeiro caso de antidoping acadêmico; entenda

Essa é apenas uma das consequências pouco ortodoxas da nova Confederação Brasileira de Medicina. Presidente da instituição é um ex-jogador de futebol doidado

RIO DE JANEIRO — O que Elza Tedesco esperava era uma mudança severa no rumo da medicina. O que ela ouviu foi “Na—na—ni—na—não!”. Seu projeto, adaptação da tese de doutorado defendida em 2013, prevê uma renovação logística que permitiria expandir a vacinação nacional a zonas de risco e a famílias na margem da miséria. A anulação de seus planos não era esperada pelo mais pessimista dos cardiologistas. Elza, 34, havia consumido um medicamento à base de cortisona para evitar a possibilidade de um choque anafilático. Picada por uma abelha no dia do VI Congresso de Medicina do Rio de Janeiro, ela não quis correr riscos. Sem saber que a cortisona havia sido banida pelo novo regulamento, a pesquisadora teve seu trabalho anulado após uma coleta de urina realizada nas dependências da UFRJ confirmar resultado positivo no exame antidoping. Com toda a pesquisa engavetada e a sua eventual execução proibida pelos próximos três anos, Elza Tedesco se transformou no primeiro caso de antidoping acadêmico na história do Brasil. “Eu ainda não consigo acreditar. Não sei nem por onde começar”, ela afirmou, aos prantos. Outros 14 médicos tiveram seus trabalhos suspensos por uso de cocaína.

Desde sua fundação há cerca de um mês, a Confederação Brasileira de Medicina (CBMN, sendo o N um erro de digitação na ata de fundação do grupo) tem intrigado o setor. Os problemas surgem de cima para baixo, afinal, como diabos um ex-jogador de futebol foi parar na presidência da instituição segue como uma pergunta sem resposta — ao menos uma resposta digna. “Cara, pra ser sincero eu nem lembro”, contou Carlos Alberto, o Pepeco, que brilhou no ludopédio carioca dos anos 1990, quando defendeu as camisas de Vasco, Flamengo e Botafogo. “Tava num desses churrascos universitários. Era uma chácara bem distante, e um médico cozido me ofereceu o cargo. Eu tava bem doido também, aí achei uma boa”.

Antes de aceitar a dirigência, Pepeco se via longe dos holofotes. Ele havia aceitado um trabalho *part-time* na escolinha de futebol do Volta Redonda, de onde acabou dispensado após acusações de comandar a categoria Mamadeira sob efeito de entorpecentes. “Quem trouxe esse negócio foi um jogador da base”, se defende o ex-atleta, não sabendo identificar qual substância teria consumido. “Na minha época, joguei apenas 30% dos

jogos cheirado. Isso não pode desqualificar minha carreira. Nos outros 80% eu tava limpo”, clama Pepeco. De seu passado, é notória uma situação acontecida no primeiro jogo da semifinal da Taça Guanabara de 1993, o famoso “Incidente do Loló”, no qual Pepeco, defendendo as cores do Fluminense, teria entrado em campo com um vidrinho de éter e oferecido ao zagueiro botafoguense Xandão, responsável por dois erros bizarros no jogo.

Sem grandes ideias para contribuir com o órgão, Pepeco apelou para sua área de atuação. Após convocar uma mesa-redonda com um massagista, dois roupeiros e três grupos de pagode, a nova ordem chegou à medicina brasileira. Agora todo hospital público e privado em solo nacional conta com o acompanhamento de árbitros que podem expulsar profissionais, além de anular cirurgias sob a justificativa de impedimento. Naturalmente, as medidas têm sido interpretadas como caóticas, e a cadeira de Pepeco é contestada diariamente. O fato de a presidência ser classificada como cargo vitalício não tem animado especialistas, tampouco o rombo nos orçamentos: para manter o padrão logístico atribuído por Pepeco, a CBMN já acumula cerca de R\$ 450 milhões em dívidas. Não há qualquer previsão de retorno senão pelo perdão fiscal — hipótese contestada pela classe —, ou então pelo suicídio institucional assistido. Nos bastidores, tem sido aventada a criação de uma loteria medicinal, a LotoArtéria.

Elza Tedesco pode ter sido a primeira, mas muitos casos semelhantes estão previstos. Alfredo Empáfia, responsável pelo RH do órgão, é um dos poucos defensores do novo procedimento. “Vocês não têm ideia do quão divertido é documentar essas coisas... Ontem mesmo, uma pesquisa de tratamento ao câncer de útero foi descartada porque o acadêmico vinha usando uma substância de crescimento capilar. Não só estou vendo a história ser escrita, como a estou *catalogando*”, ele declarou, claramente emocionado. Situação e oposição têm tratado o caso como emergencial, e o porta-voz do governo chegou a descrever a CBMN como “epítome de um país totalmente perdido entre o Estado e o privado”. O próprio governo decidiu apoiar uma eventual CPI, já levantada por boa parte dos deputados federais que não viajaram para emendar o feriado. Encurralado, Pepeco se defende: “nós vamos

trabalhar forte e, se Deus quiser, vamos sair com um resultado melhor no mês que vem”, afirma.

Bolas dentro

Por sua vez, a implantação de um árbitro auxiliar atrás da mesa de atendimento de cada médico tem sido elogiada. Cabe ao oficial determinar se o paciente está simulando lesão, podendo comunicar ao árbitro principal, o qual deve puni-lo com repreensão verbal, acréscimo no período de exames desconfortáveis ou choque elétrico “para ensinar uma lição”. Remover a camiseta sem pedido do doutor também garante cartão amarelo ao infrator, que corre o risco de ser suspenso. Ainda assim, muitas situações pitorescas têm surgido. “Semana passada, fui punido por não usar caneleiras”, afirmou um neurocirurgião que preferiu se manter anônimo. Duas operações de alto risco foram adiadas naquela tarde, fato responsável por uma morte (e meia, dependendo do seu ponto de vista sobre eutanásia).

Animados com os momentos de sucesso, reitores de universidades espalhadas pelo país se interessaram em aplicar a ideia, visando a uma redução do número de centros acadêmicos, tidos como verdadeiras colmeias de THC. Posteriormente, recuaram ao concluir que o antidoping acadêmico extinguiria a maioria dos cursos de Ciências Humanas, bem como o apetite de estudantes que almoçam e jantam nos RU. Em outra reviravolta, sentenciaram que a mudança derrubaria dois coelhos com uma só cajadada, e desde então têm discutido o projeto mais a fundo, em paralelo a um debate sobre o sentido bíblico-erótico de cajado. A questão ainda não foi proposta oficialmente, mas tramita em debates entre reitorias de alto escalão.

Quanto aos exemplos de êxito, no entanto, ainda há grande resistência. “Até um relógio quebrado acerta a hora duas vezes por dia”, afirmou Nestor Vital, ex-presidente do Conselho Federal de Medicina e proprietário de um relógio Gucci, desolado com a situação. “É impossível determinar como uma catástrofe desse tamanho pode ocorrer em um país tão rico”. Perguntado sobre esperança, ele foi enfático: “só queria trocar algumas palavras com o Pepeco. Acho que ele me entenderia, porque nós podemos chegar num meio-termo”. Infelizmente, por excesso dos calmantes a que vem recorrendo, Vital não tem acesso às reuniões da CBMN.

Pegue seu RelevO aqui



Porto Alegre

Livraria Traça

Bento Gonçalves

Dom Quixote Livraria & Cafeteria

Santa Cruz do Sul

Casa das Artes Regina Simonis

Florianópolis

UFSC
Livraria Livros & Livros
CIC (Centro Integrado de Cultura)

Itajaí

Univali

Joinville

Univille

Curitiba

Agendarte
+ 70 outros lugares!

Araucária

Arquivo Histórico Municipal
+ 30 outros lugares!

Lapa

Panificadora Zeni
Mundo da Leitura
Livraria & Papelaria Nanise
Posto de Informações Turísticas

Castro

Espaço Cultural Casa da Praça
Casa da Cultura Emilia Erichsen

João Pessoa

A Bodega Arte Café

Salvador

Livraria Boto-Cor-de-Rosa

Brasília

Sebino Livraria Café e Bistrô

Teresina

Casa da Cultura
Café da Gota Serena
Espaço Artístico e Galeria Sobrado
Espaço Galpão

Juiz de Fora

FLUX
Espaço Excalibur

Campo Largo

Casa da Cultura
Inspirarte Centro Cultural
Museu Municipal Sebo Só Ler

São José dos Pinhais

SESI São José dos Pinhais

Palmeira

Secretaria de Esporte e Cultura

Guarapuava

Gato Preto - Discos & Livros

Teixeira Soares

Departamento de Cultura, Turismo e Patrimônio Histórico
Escola Municipal Madre Rosa Rosato

Ponta Grossa

UEPG - Jornalismo e Letras
Bar do Didião
Bar Romanov
Boteking
Verbo Livraria (1 e 2)
Sebo Espaço Cultural

Contenda

Escola Municipal Vanilda Dzierwa
Panificadora Gaspar
Panificadora Schinda
Prefeitura Municipal

Londrina

UEL

Colônia Witmarsum

Supermercado Eurich
Restaurante Leão de Judá

Belém

Livraria Fox

São Luís

Livraria Poeme-se
Sebo do Arteiro

Rio de Janeiro

Arlequim
Casa do Choro
Letra Viva Filial
Livraria Berinjela
Livraria e Edições Folha Seca
Livraria Instante do Leitor

São Paulo

Banca Tatuí
Casa das Rosas
Casa Guilherme de Almeida
Comix
Escola Macunaima de Teatro
Faculdade Sumaré - Letras
Intermeios Casa de Arte & Livros
IMS
Patuscada Bar
PUC - Sumaré
Sesc Pompéia
Teatro São Pedro
UGRA PRESS

Araraquara

Casa da Cultura
Palacete das Rosas

Projeto RelevO - Adote Uma Biblioteca

Bibliotecas do Paraná:

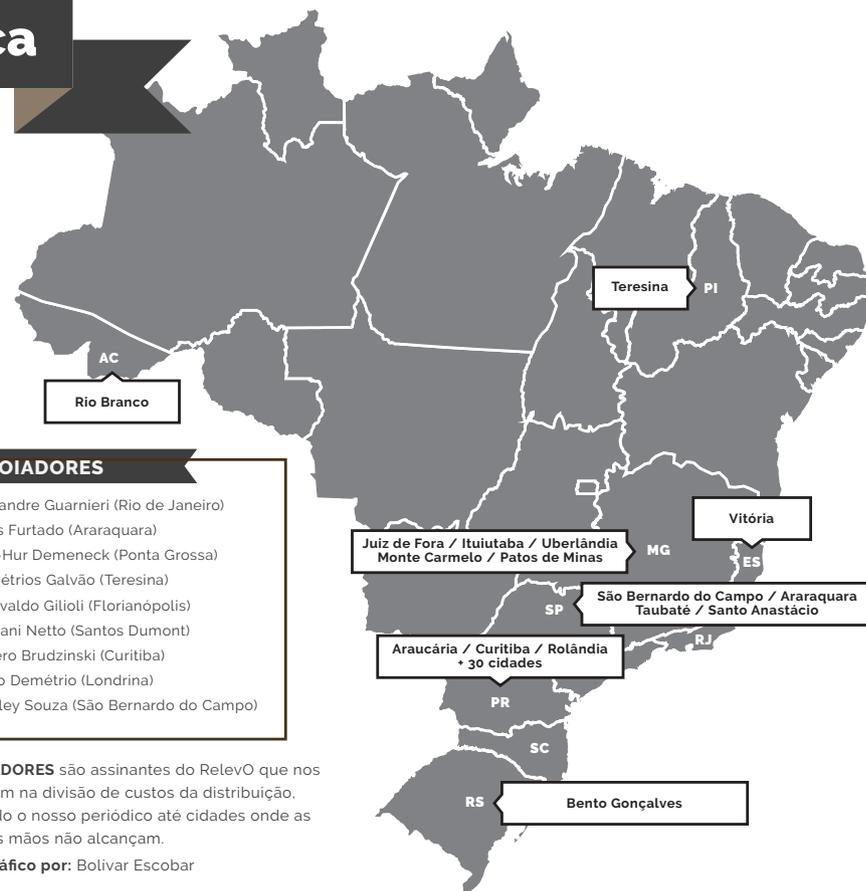
Castro: Biblioteca Cidadã Professora Nelsi Kugler
Ponta Grossa: Biblioteca Municipal Professor Bruno Enei
Contenda: Biblioteca Pública Municipal
Teixeira Soares: Biblioteca Municipal Cidadã de Teixeira Soares
Campo Largo: Biblioteca Municipal de Campo Largo
Palmeira: Biblioteca Municipal Moisés Marcondes
Araucária: Biblioteca Pública Emiliano Pernet e Casa das Palavras Brincantes
Curitiba: Biblioteca Pública do Paraná, Biblioteca do Paço, Biblioteca da UniAndrade, Biblioteca da Universidade Tuiuti, Biblioteca de Ciências Humanas da UFPR, Biblioteca da SEPT, Biblioteca da UTFPR, Bondinho da Leitura, Casa da Leitura Augusto Streser, Casa da Leitura Dario Vellozo, Casa da Leitura Hilda Hilt, Casa da Leitura Jamil Sneye, Casa da Leitura Laura Santos, Casa da Leitura Manoel Carlos Karam, Casa da Leitura Marcos Prado, Casa da Leitura Maria Nicolas, Casa da Leitura Miguel de Cervantes, Casa da Leitura Nair de Macedo, Casa da Leitura Osman Lins, Casa da Leitura Paulo Leminski, Casa da Leitura Vladimir Kozák, Casa da Leitura Walmor Marcellino, Casa da Leitura Wilson Bueno, Casa da Leitura Wilson Martins, Gerência Faróis do Saber, Farol do Saber São Pedro e São Paulo, Farol das Cidades, Farol do Saber Antônio Machado, Farol do Saber Aristides Vinholes R., Farol do Saber Frei

Miguel Bottacin, Farol do Saber Emilio de Menezes, Farol do Saber Tom Jobim, Farol do Saber Aparecido Quinaglia, Farol do Saber Machado de Assis, Biblioteca do Bosque Alemão, Biblioteca Hideo Handa, Farol do Saber Gibran Khalil Gibran, Gibiteca Alceu Chichorro, Gibiteca Jardim Pinheiros, Biblioteca do Colégio da Polícia Militar do Paraná, Biblioteca da UP.
Rio Branco do Sul: Colégio Manoel Borges de Macedo-Biblioteca
Rolândia: Biblioteca Rui Barbosa, Biblioteca Cidadã Michael Trauamam, Biblioteca Sesi Indústria do Conhecimento, Biblioteca Professor José Antônio Gorla, Biblioteca Professor Eduardo Kasperski
Doutor Camargo: Biblioteca Cidadã Professora Eliza Regina Castanheira de Santana
Maringá: Biblioteca Prof. Bento Munhoz da Rocha Netto, Gerência do Livro, Leitura e Literatura de Maringá
Nova Fátima: Biblioteca Cidadã de Nova Fátima
Ourizona: Biblioteca Cidadã Prof. Ivette Aparecida Zaninelo Boson
Campo Mourão: Biblioteca Indústria do Conhecimento
Lobato: Biblioteca Municipal Castro Alves
Pato Branco: Biblioteca Municipal de Pato Branco, Biblioteca Municipal Professora Helena Braun
Maripá: Biblioteca Pública Cidadã Prof. Marlene Alenfrant

Cambé: Biblioteca Pública de Cambé
Toledo: Biblioteca Pública Municipal de Toledo
Tibagi: Biblioteca Pública Municipal Historiador Luiz Leopoldo Mercer
Cantagalo: Biblioteca Pública Municipal Valdemiro José Bona
Pinhais: Biblioteca Pública de Pinhais
Arapongas: Biblioteca Pública Municipal Machado de Assis
Piên: Biblioteca Pública Municipal de Piên
Terra Boa: Biblioteca Cidadã de Terra Boa
Marechal Cândido Rondon: Biblioteca Cidadã Alice Weirich
Cascavel: Biblioteca Pública Sandálio dos Santos
Santa Mariana: Biblioteca Pública de Santa Mariana
Cruzeiro do Sul: Espaço Cultural Prefeito Tomoyuki Harada A/V

Pelo Brasil afora:

Bento Gonçalves: Biblioteca Pública Castro Alves
Teresina: Biblioteca Cromowel de Carvalho
Juiz de Fora: Biblioteca pública Murilo Mendes
São Bernardo do Campo: Biblioteca de Arte Ilva Aceto Maranesi, Biblioteca Guimarães Rosa, Biblioteca Manuel Bandeira, Biblioteca Monteiro Lobato
Araraquara: Biblioteca da Unesp, Biblioteca da Chácara Sapucaia e Biblioteca Pública Municipal
Rio Branco: Biblioteca Estadual do Acre
Uberlândia: UFU - Sistema de Bibliotecas, UFU - Biblioteca Central Santa Mônica, UFU - Biblioteca Setorial Umuarama, UFU - Biblioteca Setorial Educação Física, UFU - Biblioteca Setorial Educação Básica, UFU - Biblioteca Setorial Hospital de Clínicas
Ituiutaba: UFU - Biblioteca Setorial Ituiutaba
Monte Carmelo: UFU - Biblioteca Setorial Monte Carmelo
Patos de Minas: UFU - Biblioteca Setorial Patos de Minas
Taubaté-SP: Coordenadoria do Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade de Taubaté
Santo Anastácio-SP: Diretoria de Ensino de Santo Anastácio
Vitória-ES: Biblioteca Pública do Espírito Santo



APOIADORES

Alexandre Guarnieri (Rio de Janeiro)
Assis Furtado (Araraquara)
Ben-Hur Demeneck (Ponta Grossa)
Demétrios Galvão (Teresina)
Dinovaldo Gitioli (Florianópolis)
Joseani Netto (Santos Dumont)
Severo Brudzinski (Curitiba)
Silvio Demétrio (Londrina)
Wesley Souza (São Bernardo do Campo)

APOIADORES são assinantes do RelevO que nos auxiliam na divisão de custos da distribuição, levando o nosso periódico até cidades onde as nossas mãos não alcançam.

Infográfico por: Bolívar Escobar

QUER DISTRIBUIR O RELEV O?

ESCREVA PARA CONTATO@JORNALRELEVO.COM

Confira a lista completa de pontos de distribuição em www.jornalrelevo.tumblr.com

HOROSCOPEIRO

Aqui na redação celestial do Horoscopeiro, uma regra é impreterível: não misturamos nossas vidas pessoais com o trabalho. Sabemos que astrologia é coisa séria e que vidas dependem disso, portanto é de exímia responsabilidade que tenhamos a cabeça no lugar. Digo isso, caro leitor, porque a coisa não está fácil. O tradutor das estrelas que vos escreve foi dispensado de seu relacionamento (Simone, aquela leonina filha da puta! — perdão) e terminou com o ótimo bico de professor de Ensino Médio que garantia uma renda aprazível no fim do mês. Conto com sua colaboração nessa fase difícil e agradeço desde já pelas mensagens de apoio. Saibam que faço o possível e o impossível, como de praxe, para não prejudicar as leituras do mês. Por sinal, vamos a elas!



Áries

Vênus gira por sobre a Lua em Escorpião e a vida é um lixo e não tem sentido.



Touro

Novembro é a época certa para você relembrar seus sonhos e banhá-los em merda equina, porque eles não valem nada.



Gêmeos

Alguma coisa Netuno ou Urano alguma coisa Libra alguma coisa cadeira de rodas ou carteira de rosas ou cadeira de roscas.



Câncer

O começo de novembro lhe reservará coragem em viver. Tenha isso em mente porque você morrerá em breve e não terá conquistado nada nesse mundo.



Leão

Amor é uma mentira.



Virgem

No solstício de inverno em Peixes, ninguém se importará com você. Porque ninguém se importa com você. Seus amigos sentem pena só de ouvir seu nome. Seu nome é horrível.



Libra

Júpiter se lança em Touro, e Simone, se você estiver lendo isso, você é uma vagabunda e eu te odeio. Se você não estiver lendo, você ainda assim é uma vagabunda e eu ainda assim te odeio. Aliás, sua mentecapta, eu nunca gostei de How I Met Your Mother. Nove, nove temporadas assistindo àquele podredouro apenas pra você não encher o saco. Sabe o que as estrelas dizem sobre How I Met Your Mother? Dizem que deveria ter acabado em 2009!!!!!! Por que sequer ver aquilo se 1. você sabe o que vai acontecer, 2. você sabe quem é a mãe, 3. não é engraçado? Outra coisa, quando digo que seu empadão de frango é “exótico”, quero dizer que ele tem o gosto que projeto em um frapê de catarro. O mesmo vale pr’aquela seu vestido azul-marinho: é lindo, absolutamente lindo pra um dromedário. E suas piadas, bom, nisso você podia se inspirar em How I Met Your Mother e gravar risadas pra não passar vergonha.



Escorpião

Mercúrio cresce em Gêmeos e seu animal de estimação é ridículo.



Sagitário

Tanto faz.



Capricórnio

Sua família é burra e te educou errado.



Aquário

Você é um fracasso e nunca vai encontrar ninguém.



Peixes

Simone, volta pra mim por favor. Por favor. Vamos conversar. Me dá uma chance de conversar. POR FAVOR. Você é tudo pra mim. Simone, você nunca me perdoou por eu apostar no Coritiba campeão brasileiro de 2013. Era Netuno em Capricórnio, Simone, não tinha erro! Eu amadureci. Eu mudei. Teve a Era de Aquário ou alguma porra assim. O Luiz me disse que você andou saindo com o Otávio, é verdade? Diz que não é verdade, por favor. Como ele pode ser melhor que eu? Por que ele é astrônomo? Até eu sei que ele só quer te comer, Simone, e ontem eu fui numa oficina de coaching espiritual. Quando você volta? Aliás, novembro trará “sorte no amor” aos piscianos. Fodam-se.

Cartas dos Leitores

Paulo Pittaco Quero dizer que li a última edição do periódico de forma intermitente, entre um cabernet e um charuto panamenho – jamais cubano. Tenho algumas considerações:
 - A poesia é o amor dos sentidos;
 - *A se impetrare ut nom posse*;
 - Aprecio tatuagens com temas literários;
 - Gozo com as duas mãos;
 - Meu cachorro Beckett tem alergia ao papel, por isso o queimo (o jornal, não o cachorro) depois de ler (espero que entendam a referência);
 - Seguem em anexo 37 ensaios sobre o mal-estar gástrico da civilização para possível publicação.
 - (A referência é ao belíssimo filme *Queime Depois de Ler*, baseado em obra de Cormac McCarthy. Talvez vocês não tenham entendido; achei melhor explicar.)

Gigi D’Agostini Olá, redação do **RelevO**. Quero dizer que vocês são uns grandessíssimos filhas-da-puta. Jornal arrombado. Quero que todos morram. *L’amour Toujours!*

Larissa Performer Melhor jornal entre aqueles chamados **RelevO**. Meu filho desconstruído de três anos gosta de desconstruir o jornal, principalmente as poesias. O que a sociedade chama de rasgar o jornal, eu chamo de transcrição. Eu como o **RelevO**, depois o vomito e o engulo novamente.

Rolão Gostozo Por que vocês não publicam a prestação de contas da minha rôla?

João Silva 010001 Eu ganho 3.000 dólares por hora trabalhando em casa. Quer saber como?

FireBeard Hair Designer Tattuo Studio Cervejas Artesanais Quanto custa para meu texto sair na capa, na contracapa e na parte menos iluminada do cóccix do editor?

Lúcifer Gostaria de divulgar com vocês o convite para o chá de bebê do filho da Rosemary.

ESPAÇO ABERTO

Incêsto ou Incésto?

Nossos especialistas respondem

*Castilha Teixeira de Atalibo,
sommelier de fonemas*

“ Tanto faz, verme safado.

*Robertson McKenzie, estudioso do
tema – deste e de varios, vários outros*

“ Tanto faz, verme safado.

*Carlos Maria de Bourbon, aspirante
ao trono da Espanha*

“ Tanto faz.

*Jacques Le Clerc, tenista e editor do
Gramaticando.pt*

“ Tanto faz, verme safado.

*Fátima Bernardes, outra Fátima
Bernardes, não A Fátima Bernardes*

“ Tanto faz, verme safado.

Guia do mês

RelevO Novelas

Os Dez Mandamentos e, Se Possível, uma Ruiva (Record)

Joquebede não se conforma ao descobrir que Anrão não poderá voltar para casa (SEM CRASE NÃO SE ACENTUA O A ANTES DE CASA QUANDO ESTA TIVER O SENTIDO DE LAR MAS TUDO BEM COMO ESTÁ). Miriã fica revoltada ao descobrir que Apuki (NÃO CONFUNDIR COM BUKAKE KKKKK NÃO TERIA UMA POCAVERGONHA DESSA NA BÍBLIA) proibiu Anrão de voltar para a vila e decide ir atrás do feitor. Num e Amália não conseguem impedi-la e temem que ela faça uma besteira. Arão encontra Isabel e ela o convida para ir à Casa de Senet (SENEGAL DEVE SER LEGAL QUE ACHAM DE SER O TEMA DE ABERTURA). Arão diz que é um homem fiel e Isabel promete que eles só irão beber como amigos (~AMIGOS~ SOBRENOME QUERO DÁ QUERO DÁ QUERO DÁ). Apuki encontra Arão na Casa de Senet e o encara (DE FRENTE AHAGEUEHUEHEU PLEONASMO). Judite tenta impedir Miriã de enfrentar Apuki e diz que ele é capaz de matá-la. (CANSEI PAREI NAS METADE NOVELA CHATA DA PORRA EPISÓDIO DA ABERTURA DO MAR É TOP)

Enrabação (Rede Globo)

Um anão trabalha na indústria pornográfica e muda seu estilo de vida ao conhecer Carol Bundinha, socialite do Leblon. O problema? Toda patricinha se amarra num vagabundo. Literalmente: a socialite Carol pratica bondage com indigentes em Jacarepaguá, num estilo de vida que afasta seu pequeno grande amor. O anão se descobre transexual no capítulo 15 e não se reconhece mais como anão a partir do capítulo 28. Carol é encontrada morta no Copacabana Palace.

Periquitas (Rede Globo)

Crianças que futuramente namorarão jogadores de futebol organizam uma festa com o dinheiro dos pais, que neste momento estariam vendo pornografia no WhatsApp se alguns deles não tivessem problemas de saúde. Na escola, Mili pede cola durante a prova de Matemática. Cola de sapateiro. Jandré é obrigado a dormir na sala de aula enquanto seus parentes do interior o visitam. Na verdade, eles vieram visitar Andreia, a mãe de Jandré, que está em coma irreversível e não pode agradecer pela preocupação de todos ou sequer argumentar que deu ao filho um nome diferente sob efeito de ácido no Skol Beats de 2000. Nem Jandré, que teve complicações no parto, pode comentar com a mãe, ex-usuária de cola, que fornece a substância aos colegas da 9ª série por preço abaixo do mercado e tem uma camiseta do Neymar no Palmeiras comprada no dia em que ficou com o cartão de crédito do pai, um ausente notório, o qual destruiu a fortuna da família em um cassino da Urca. Conseguirá essa família dar a volta por cima? Não.

Du, Dudu, Edu e Edmundo (SBT)

Essa adaptação live action do marcante desenho produzido pelo Cartoon Network conta com um novo protagonista: Edmundo, o animal. Interpretado por Will Arnett, o ex-atacante auxilia os três garotos na busca por balas de caramelo no subúrbio de Vancouver, recorrendo a métodos pouco ortodoxos de sobrevivência urbana. Todo episódio contém uma mensagem antidrogas proferida pelo próprio Edmundo.

Um Escritor na Biblioteca da Amazon

com CILENE LEAL

DA REDAÇÃO — Mesmo vivendo há duas décadas no Leblon, a booktuber Cilene Leal (747.678 inscritos), de 20 anos, administradora do canal Garota Fantasia, mantém o foco no Brasil. Seu mais recente vídeo no Youtube, “Cinco dicas para engajar seus leitores nas redes sociais e auxiliar a iniciante Amazon a pagar suas contas”, em que ela estampa uma boa meia-taça, “oferecimento La Rouge Bele”, chegou à marca de um milhão de visualizações.

Eleita musa dos booktubers, “detesto rótulos”, seus vídeos tratam de temas controversos e enigmáticas, como “livro versus filme”, “as capas mais bonitas”, “limites do humor”, entre tantas pautas riquíssimas. Essas e outras miudezas foram os assuntos comentados por Cilene na edição de outubro do projeto *Um Escritor na Biblioteca da Amazon*. O papo teve a mediação do jornalista e cronista e booktuber Andrei Larrola.

Nascida em um iate (Fernando de Noronha), em 1997, Cilene Leal atua como professora titular de literatura brasileira e portuguesa na Universidade do Posto 9 (UPNINE). Formada precocemente em Letras, “inicieei a faculdade aos nove anos por meio de vestibular psicotécnico da USP”, logo abandonou a escrita, preferindo a plataforma audiovisual. “Me completa e não vejo os alunos”. Diferentemente de muitos booktubers, ela não encontrou dificuldades para ganhar a primeira camiseta da Amazon, aos 17 anos, sendo posteriormente acolhida pela editora Alfavara para indicar os livros do selo em troca de 1800 reais por post. “Se preciso ler, cobro mais caro”.

Durante o bate-papo na Biblioteca da Amazon, Cilene ainda lembrou o início da carreira e falou também sobre outros temas instigantes, como a democracia na hora de distribuir os brindes das editoras e a recepção de booktubers nacionais no Instagram. Eis algumas frases impactantes da conversa:

Rotina

Ah, eu não vivo sem ler. É um negócio obsessivo, sabe? Parece até um TOC. Leio logo após acordar, leio enquanto escovo os dentes, leio segurando o livro com a

mão esquerda enquanto penetro o reto de Loko_Games (324.950 inscritos) com meu dildo na mão direita.

A paixão pelos livros

Nossa, tem coisa melhor que livro? Eu amo muito ler. Lendo a gente cria empatia etc. etc. outros universos etc. viaja para mundos etc. etc. contato com o futuro, com o passado etc. etc ler faz as coisas ruins da realidade ficarem em segundo plano. Tenho mais de 10 ecobags com imagens de livros. A Emília sempre usa no mercado. Emília é a mulher que limpa nosso flat uma vez por semana.

Ler apesar de tudo

Ler é resistir, e a resistência é uma resistência nos dias de hoje. É muito difícil ser mulher no mundo dos booktubers que estudam em colégios internacionais e fizeram mais de um intercâmbio antes dos 20 anos. É uma batalha diária, sabe? Meus pais podem ter dinheiro, eu não! A Emília, analfabeta, raramente entende isso quando mexe nas minhas coisas. Fico doida.

Trabalho

Recebo uma quantidade imensa de pedidos e minha caixa postal vive cheia. Sempre deixo a Emília abrir os malotes – menos quando é caixa do Sedex, pois ela é descuidada. A Val, minha assessora, me orienta conforme as exigências de cada coisa. Nossa, sem ela eu não saberia o que fazer! No turno da manhã, eu costumo publicar as fotos de alguns livros. Na hora do almoço, publico fotos de alguns outros. À tarde, o bicho pega e gravo meu vídeo diário, comentando algum livro que eu adoraria ler.

Livros preferidos

Todos. Sem exceção. Tenho um vídeo sobre isso, distorcido para gerar outros 5 vídeos. Se inscreve no meu canal ;)



www.shutterstock.com · 610104713

Fenômeno jovem



www.shutterstock.com · 621789980

Caras & Bocas



www.shutterstock.com · 623309690

“Ler é tudo para mim”

Graxa na Borracha

A criação do carimbo e o surgimento da burocracia como a conhecemos hoje

Na ampla sala de visitas *art deco* do apartamento no centro antigo da pacata e histórica Ravensburg, ao sul da velha Alemanha, o senhor elegante e simpático que nos recebe com pedacinhos de *bratwurst* e pequenos biscoitos de maisena (em alemão: *Maisenen*) conserva algo de sua famosa linhagem. Cruzando furtivamente o olhar azul esverdeado deste bem-vestido alemão, é tarefa difícil manter-se na missão que nos coloca às imediações do Bodensee: o Jornalismo Investigativo, mais uma vez, está prestes a colocar óleo de baleia no lampião da verdade para derramar luz sobre as relações escusas que levaram à criação do carimbo de borracha e, com ele, da burocracia como a conhecemos atualmente. *Herr* Mitarbeiter Büros, nosso anfitrião, não deixa de demonstrar que esse assunto ainda provoca muito incômodo e está a utilizar-se de todos os possíveis subterfúgios para resguardar a delicada história de sua família de mais uma onda revisionista. Ha-ha. Como se algo do tipo fosse possível.

A história começa antes mesmo de a história começar. Sobre as pedras úmidas das saunas e dos banhos do antigo Império Romano, pisavam pés descalços de poderosos e de pederastas (também poderosos pederastas). O pão e o circo eram garantidos por um sistema de governo que gabava-se de ser realmente um pouco difícil de entender, envolvendo um sem-número de processos e funcionários na tarefa de desenhar mapas e preencher boletos para o pagamento de impostos em mais da metade do mundo conhecido. No entanto, pouco se reconhece a influência decisiva dos sucessivos *Völkerwanderungs* em que bárbaros germânicos empurravam eslavos ladeira abaixo até chegarem à festa latina. Nessa época, em lugar de invasão bárbara, talvez deva-se falar em *infiltração* bárbara, tamanha era a discricção e a classe dos visitantes ao adentrar os limites do Império Romano. O plano, então, era claro – demonstração cabal da expertise que leva essa nação tão metódica e organizada a vencer todos os desafios mesmo enquanto dança e cantarola “Tieta” em praias do litoral sul baiano sob densa camada de protetor solar –, claro e muito simples: em uma demonstração intensiva das técnicas de irritação de uma criança de seis anos, os germânicos passavam horas a fazer os soldados romanos

repetirem informações básicas, no atualmente conhecido processo de pagar de bobo (em alemão: *Dummkopfszahlen*). Nesse pastiche da idade antiga estão as sementes da burocracia moderna e, em tal circo, o mais conhecido jôker era o patriarca da família, Narr Büros. Nosso anfitrião pinça mais um pedacinho de linguça enquanto mostra (sem o uso de luvas) os antigos vasos romanos em que se veem imagens claras do cobrador de impostos tendo dificuldades em preencher os boletos de um certo 'cidadão' romano, uma dificuldade que, fosse a *Reader's Digest* famosa naquela época, certamente figuraria na seção “Ossos do Ofício”, em texto de algum cobrador com inclinações literárias. “A enrolação, a repetição *ad nauseam* de informações e processos, essa vontade intrínseca de irritar e tirar o outro do sério, tudo isso foi inventado pelos bárbaros germânicos, pelo meu tataravô. Os romanos levaram muito tempo para perceber isso, mas, quando se deram conta, tomaram para si a prática e a aperfeiçoaram de uma maneira que hoje você vê a Itália e tem uma noção muito clara da dimensão desse movimento”, desabafa. Mesmo com o protagonismo sendo extirpado da família alemã tal como os pequenos gêmeos Rômulo e Remo foram cruelmente arrancados de sua mamãe (não a loba, a outra), a história da burocracia ainda seria marcada pelo clã de diversas outras formas. Para isso, no entanto, temos que acelerar a fita VHS da História em alguns anos e rumar ao período entre guerras quando, numa Europa sob escombros, milagres eram necessários.

Em um elegante *schloss* que ocupava mais da metade da vila de Friedrichshafen, a família Scheissen gozava de um prestígio político e poder econômico sem precedentes. Capitaneada por *herr* Weichen Scheissen, conhecido em todo o império austro-húngaro por ser mais liso que bagre, a família viu seus proventos aumentarem a despeito de todas as explosões na vizinhança. Isso porque pode-se afirmar do velho Scheissen que era um pouco frouxo de moral e encaixava-se na vergonhosa casta de pessoas que cobram o dobro na telha de eternit depois de uma forte chuva de granizo, por exemplo, alegando que o capitalismo é assim mesmo e que suas mães vão bem. A menina dos olhos do clã, no entanto, era a fábrica de sapatos. “Era como se o

próprio Nicolau Flamel tivesse misturado borracha e algum segredo alquímico para confeccionar as solas que eles utilizavam”, Büros se surpreende ainda hoje com a renomada qualidade da borracha utilizada na confecção de coturnos, sapatos civis e, mais pros anos 1980, roupas de látex com aberturas bem localizadas da *Scheissenschuhe*. A história é implacável, realmente, e calhou de nessa empresa de matéria-prima de tão boa qualidade haver como funcionário da produção um certo *Bildhauer* Büros, o tão amado avozinho de *Mitarbeiter*. “A lembrança em minha mente de seu yodel matinal dirigido às montanhas austríacas, onde vivia uma sua antiga paixão de juventude, é tão vívida, é tão emocionante”, rememora um Büros de olhos azuis marejados, “eu desde então compro todos os discos de *Volksmusikanten* que vejo pela frente tentando encontrar aquele som, mas simplesmente não acontece. Aí eu acabo colecionando eles porque adoro as fotos da banda toda vestindo roupinhas iguais, tem umas que dá pra ver que eles tiraram no quintal da casa da Oma, acho um mimo”. Ele pergunta se gostaríamos de ver os mais de 830 vinis que guarda no *keller*, oferta que declinamos de maneira nervosa ainda que muito cortês, porque nossa missão aqui é clara e a durável sola de borracha dos sapatos da *Scheissenschuhe* ainda não nos diz muito sobre a criação da burocracia.

“Meu Opa foi um visionário”, afirma *Mitarbeiter*, desmanchando-se em elogios. *Bildhauer* Büros nasceu entre o feno e os animais da fazenda num dezembro congelante. Filho de um marceneiro com uma virgem, desde criança tinha interesse pelo ofício do pai, mas deixava muito claro que aquilo nunca passaria de um hobby: acreditava ter sido assinalado para viver coisas maiores, e preferiria viver a marcenaria posteriormente como redenção, junto à confecção artesanal de cerveja, quando largasse tudo depois de um ataque dos nervos (típica crise de *burnout*) ocasionado por muito trabalho, já que teria alcançado o alto escalão de uma empresa multinacional em idade significativamente jovem. Quis o destino, porém, que a marcenaria fosse justamente a chave para abrir as comportas de todas as dores e as delícias de sua vida. O jovem *Bildhauer*, com uma barba bem mantida e longos cabelos loiros, era sempre a sensação das festas. “Ele sempre inteirava o vinho para o pessoal, contava histórias de outros tempos, tinha realmente um grupo bem fiel de amigos-seguidores. Teve uma vez que ele surtou um pouco no centro comercial e chutou umas barracas, a galera passou alguns meses chamando ele de *Steufel* [um trocadilho engenhoso entre os termos *Stiefel*, ‘bota’, e *Teufel*, ‘diabo’], o Opa às vezes falava umas coisas que a gente não entendia direito, mas ele falava com amor. E de amor. Ele era uma pessoa

muito do bem”, relembra Büros, antes de engolir duas bolachinhas de maisena com um golão de chopp weiss. Seu avô era o funcionário mais agitado da Scheissenschuhe, muito embora torcesse o nariz para o sindicalismo: “Ele dizia que isso aí era liderança de segundo nível, e ele nunca gostou de estar em segundo lugar pra nada”. No entanto, são somente os espíritos insurgentes como esse que promovem rupturas e inovação. Bildhauer, certo dia, entediado depois de produzir uma leva de botas que – trivía – tempos depois inspirariam uma famosa composição de Nancy Sinatra, ficou a bulir com um resto de borracha, esculpindo um desenho de pênis (em alemão: *Schwanz*), o qual, posteriormente, sujou com um pouco de graxa e aplicou nas costas de três ou quatro colegas. Um pequeno passo para o alemão, um enorme passo para a humanidade: surgia aí o primeiro carimbo de borracha. O surgimento de um item tão importante numa brincadeira juvenil realmente nos põe a pensar que a família Büros deveria ser *iluminada* por alguma força superior para dar prosseguimento à história da atual burocracia.

A arte de Bildhauer logo ficou mais conhecida e, como sói acontecer com tantos inventores de nosso tempo, ele apenas começou a levá-la a sério quando percebeu que poderia chamar a atenção das *fräulein*, que trocavam um beijo tímido em sua barba loura por um desenho de Edelweiss que pudessem carimbar em seu enxoval. “Foi, sem dúvida, a melhor fase da vida do Opa. Ele passou o rodo em meia Ravensburg. Tinha essa tradição, forte, na Bavária, de vestir o *Dirndl* amarrando o nó do avental do lado esquerdo caso a moça fosse solteira e do lado direito se fosse comprometida ou não estivesse interessada. Tipo um Tinder old school, assim. O Opa chegava direto nas mocinhas com o nó do lado direito e, enquanto jogava charme pra elas, puxava a ponta do avental para desamarrar e dar chance a elas de colocar o nó mais pro meio que fosse. Um típico *Heimkaputtmacher*”, conta Herr Mitarbeiter, enquanto sorri de um jeito que permite apostar que os homens dessa família sempre souberam como tratar bem uma Frau.

Seu semblante torna-se taciturno, no entanto, ao mencionar a fase que veio depois, quando seu avô tentava estabelecer um negócio para vender sua nova invenção a crafeiros, estudantes do primário e funcionários estatais. “O Herr Scheissen, voltando de uma de suas viagens para a França, ficou sabendo dos planos de meu santo avô e decidiu que com o negócio de carimbos ele ia acabar”. Não foi difícil para o ardiloso capitalista acionar uma quantidade razoável de advogados e, já que detinha todos os direitos de uso e confecção da Borracha Mágica, pois de muito precavido tinha feito todos os registros cabíveis (é por isso que este pessoal continua rico),

conseguiu tomar o conceito e a execução do carimbo de borracha para o seu plantel de empresas registradas e também algumas offshores. “Na época, todo mundo sabia que a ideia inicial tinha sido do Opa. Mas o velho Scheissen fez por onde, chamou Washington Olivetto, um time fodido de publicitários, chegaram aqui falando em novo conceito e de repente tava todo mundo comprando deles”, dói-se o meu querido alemãozinho. Mas a família Büros não tem esse nome à toa e, tal qual uma fênix ou um eu-lírico em letra de rap nacional, Deus tinha fechado uma porta para Bildhauer porque estava a abrir uma janela. Uma janela no estilo de construção germânico antigo, um pouco pequena, não abria muito porque ficava difícil isolar a casa das baixas temperaturas com um vidro enorme, mas ainda assim, uma janela. Ele, é claro, tão logo viu a brecha pulou de um só salto e caiu como um Power Ranger à frente de uma explosão.

Utilizando os mesmos subterfúgios de seus bárbaros antepassados, deu início a uma série de procedimentos que acabariam por infernizar a vida da família Scheissen de tal maneira a levá-los à loucura. “Ele pedia três vias de documentos de registro de marca que não existiam, depois dizia que um dos parágrafos estava errado e seria necessário reimprimir. Naquela época a impressão ainda era um problema sério porque o tipógrafo da cidade era muito mal-humorado e só trabalhava se levasse daquele chocolate em formato de língua de gato, em suma, o Opa sabia que não ia perder aquela batalha. E os Scheissen ficaram loucos. O plano dele tinha fases cada vez mais agressivas, da terceira fase em diante ele já estava desamarrando o nó do avental das filhas do homem, passando trote, trocando coisa de lugar dentro de casa pra todo mundo achar que tava com demência”, Mitarbeiter ri ao contar e seu sorriso é a coisa mais bonita que já vi. A história oficial, como de praxe, conta apenas a versão que foi inventada pelo Washington Olivetto, mas o merecido final feliz para Bildhauer Büros chegou depois de alguma insistência e diversos prazos que precisavam ser cumpridos. Ele tomou controle das empresas Scheissen, renomeando-as Büro Kraut GmbH (porque gostava muito de repolho). Com todo o dinheiro, parou de trabalhar e, ainda que tivesse tido planos mais *high stakes* de abrir sua própria marca de cerveja artesanal, tomou a decisão mais correta e comprou um chalé em St. Moritz, onde passou o restante de sua vida entre passeios de barco no lago, bobsled e festas na casa de Günther Sachs, de quem ficou muito amigo. “Eles dividiam tudo, principalmente as dicas de conquista”, conta Büros com olhos fixados nos meus. Pelo frio que sinto na barriga a cada vez que me olha assim, garanto que ele andou lendo o manual de conquista do avô.

7.315 motivos para ver *Jovens Cheios de Convicções*, novo BERRRO da Netflix

por LUA FLORES

Vai ter crítica positiva sim! A nova série da Netflix entrega o que promete: a promessa. A promessa de que você que acredita no bem social não sairá decepcionado/decepcionada/decepcionadxs/русский язык. Passando o hype e tendo visto a primeira temporada inteira de *Full Youngs of Motherfuckers* (ou 'Jovens Cheios de Convicções' na precisa tradução brasileira), eu posso dizer com todas as palavras: pretendo recomendar a todos que vejam essa série.

O enredo é fácil de explicar: em frente à tevê, um casal *lovefluid* escolhe o que assistir... na Netflix! Por 25 episódios! Risadas, drama, escolhas, amadurecimento, referências aos anos 80, tragédia. Deu tão certo que um *spinoff* deve chegar às telonas no ano que vem, com Olivia Wilde e aquele cara do *Prison Break*.

Eu sei muito bem o que escrevi no Facebook logo que comecei os primeiros episódios, e mantenho a minha posição crítica de que o Skank assinar a trilha sonora de uma série internacional foi uma decisão acertada da produção – logo mais explico o porquê, ou não, pois não aceito o rótulo de linear –, mas depois de ver tudo com calma, ler muito a respeito e buscar opiniões e visões de pessoas com diferentes cabelos ao longo da semana, cheguei à conclusão de que *Jovens Cheios de Convicções* é a melhor série produzida pela Netflix desde *Desconstruídos do RU*.

Por isso, elenquei motivos para você não deixar a série de lado e não buscar outra coisa para ver, principalmente se você puder não trabalhar durante a semana, como é o caso da maioria de nossos leitores. (Leia também: como larguei meu emprego em uma startup falida para criar minha própria startup falida). Atura ou surta: vamos à lista!

#40. A série segue recomendações da OMS

A Organização Mundial de Saúde lançou em 2000 uma lista de recomendações para meios de mídia retratarem jovens cheios de opiniões conclusivas em obras ficcionais. Desde então, existem palestras

e workshops locais e de escala global feitos para atualizar essas importantes diretrizes. A OMS faz quatro recomendações principais que são totalmente consideradas pela série: 1) Ninguém se dá mal quando pratica o bem; 2) Ninguém morre no final ou se mata; 3) Ninguém é pobre, se envolve com pobre ou fica pobre; 4) Muitos estudantes que estudaram a vida inteira em colégio particular aprendem a fazer bolo para vender na universidade pública, em um caso perfeito de intraempreendedorismo, conceito em voga e que precisa ser discutido na academia, e também na academia onde os padrinho vão malhar.

#3.002. Ela não ignora o Efeito Lacre

O nome pode parecer complexo, mas a ideia, em si, também é. Existe na psicanálise um termo chamado Efeito Lacre, que ressignifica o empoderamento de crônicas lacradoras a partir de um olhar não só político, mas também político. Isso nos leva às crônicas do lacre, narradas por Fernanda Torres no episódio 13, que influenciam outras pessoas a seguir o caminho do bem.

448. Gif de 2013

449. Emojiss **-*

#6.742. Ela é repleta de gatilhos certos

Espaço: seguro. Linguagem: meta. Plataforma: Netflix. O que pedir mais? PS: Nome de ruas e cachorros chamados Spike Li são inspiradores para pessoas que sofrem de algum nível de fragilidade emocional ou psíquica.

#19. A série é sobre a boa vingança

Esqueça a morte de Jesus, esta não é uma série sobre a Bíblia, mas sobre vingança, não a vingança ruim, de judeus violentos, digo a boa vingança, pois somos contra a violência, apenas sendo ela justificada em casos muitos específicos em que nós seremos

violentos para justificar as nossas ações e o nosso descontrole temporário.

#95. Imagem de um gato

#5.001. Fiz Letras tenho 35 anos meu nome tá no Serasa e agora

#448. Gif de 2013

#883. Metaenredos ocultos

As 13 fitas gravadas pela MC Não Passarão sabem atribuir a culpa às pessoas certas, que são as verdadeiras responsáveis pela sociedade ser como é. Quando o Grupo Hooligans do Bem encontra Jorginho PokaPika, isso quando o casal 12, no episódio 15, debate quanto à próxima escolha de filme, Jorginho PokaPika, responsável por transar com INÚMERAS mulheres indefesas e não ligar no dia seguinte, é linchado após uma emboscada com chuva dourada. A sede de vingança do que parece ser a personagem principal, pela sinopse da sinopse que vemos por meio do print screen de um print screen, assume apenas o papel de vítima porque assim é, finalmente é saciada.

#722. O casal do episódio 20 é lindooo *-*

#3.562. Ela tem defeitos

Porque nem Beyoncé é perfeita, né? [EDIT: Gente, eu queria me desculpar pelo meu comentário infeliz. Sinto muito por trazer dor aos meus leitores, os quais estimo muito. Peço desculpas a quem eu possa ter ofendido ao afirmar jocosamente que a Queen Bey não é perfeita. Ela é sim.] Enfim, apesar de HINO, a série peca pela baixa representatividade: em nenhum episódio eu vi uma trans obesa cadeirante – a Netflix lacrou e já respondeu aos fãs que pretende consertar isso no filme *spinoff*.

Carlos Subway, o doutor dos sanduíches

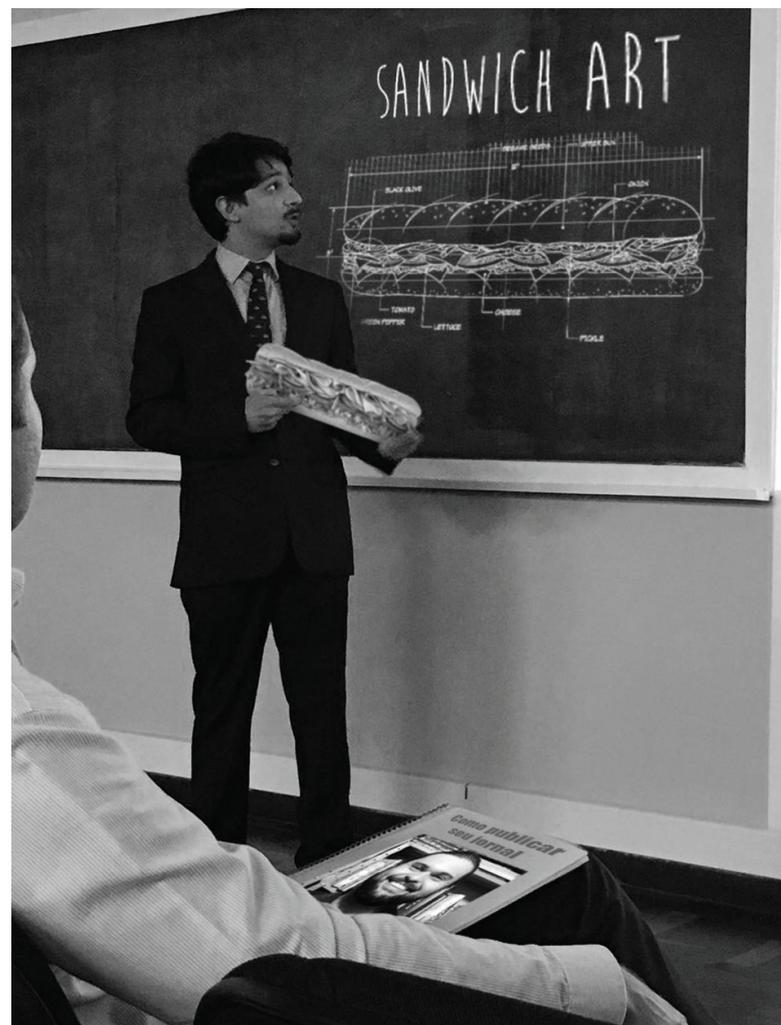
PUBLIEDITORIAL

CENTRO, QUASE BATEL — Subway é uma tradicional rede de sanduíches fundada em Curitiba, no ano de 1920. O criador da marca, Carlos de Carvalho Subway, havia inaugurado uma mercearia no ano anterior. Seu negócio inicial, porém, faliu em pouco tempo, restando um largo estoque alimentício em seus aposentos. Para não desperdiçá-lo, Subway reuniu a vizinhança inteira para um banquete, responsabilizando seus sete filhos pela montagem de vários sanduíches, cada um trabalhando com um recheio. O sucesso foi imediato. Reza a lenda que, ao fim daquela tarde, Carlos Subway decidiu correr até o porto de Paranaguá em busca de novos suprimentos, carregando consigo apenas as roupas do corpo e três litros de um molho que viria a ser conhecido como chipotle (“chip” vem do polonês “sonho”, enquanto “Otle” corresponde a uma antiga divindade eslava responsável pelo outono). Em apenas quatro meses, Subway já acumulava uma fortuna; dinheiro esse que, de acordo com a Forbes, viria a beirar os três bilhões de dólares na década passada. Estima-se que, já em 1947, a conta bancária de Carlos Subway poderia cobrir toda a água da Terra, se transformada em notas de queijo cheddar, prato ou suíço. A consagração definitiva da rede veio quando Getúlio Vargas, então governador do Rio Grande do Sul, passou pela sanduicheria em 21 de agosto de 1929, instigado pelo local não servir café com leite. Vargas teria pedido um “pouco de tudo, mas pão italiano branco!”.

Cientes da importância da marca para o desenvolvimento da cidade, a prefeitura de Curitiba homenageou Carlos Subway com uma rua em seu nome. Até hoje, “Carlos de Carvalho” segue como um dos destinos típicos de qualquer turista na capital paranaense. Ainda é possível visitar a residência do empreendedor no primeiro restaurante da rede, localizado na atual Alameda Doutor Carlos de Carvalho, número 751. As

mesas e pisos foram mantidos da época de seu fundador. Diz-se que, apesar da quantidade molar de sanduicherias espalhadas pelo globo, o sabor no marco zero de Subway é único, atraindo visitantes de todas as almôndegas do planeta. “Já fui em Subways do mundo inteiro. Na Austrália, na China, até nos Estados Unidos! Nada se compara a comer um belo Subway onde ele nasceu. Tem gosto de história!”, comentou o apresentador Luciano Huck logo antes de pedir 30 centímetros de pão, carne e queijo. O impacto local da rede é tão grande que Dalton Trevisan escreveu o romance A Polaquinha para esmiuçar em metáforas sexuais o desenvolvimento econômico do estabelecimento. No âmbito nacional, especula-se que a música “É preciso saber viver”, eternizada por Roberto Carlos e embalsamada pelos Titãs, tenha sido concebida originalmente como um jingle da marca, cuja letra completa dizia “É Preciso Saber Viver (Para Comer No Subway)”.

Oriundo da Polônia, de onde seus pais haviam partido no início do século 20, Carlos Subway cresceu num lar recheado da popular cuca de banana. Ainda aos seis anos, Subway tentou reproduzir as receitas de sua família. Uma quantidade desproporcional de farinha, entretanto, deu à cuca um aspecto quebradiço, fazendo do bolo uma pilha de finos biscoitos. Antes de atirá-los ao lixo, Carlos ofereceu-os a seu irmão Maurício, ciente de que aquilo teria um péssimo sabor e que tudo não passaria de uma brincadeira de literal mau gosto. O caçula, porém, devorou-os um a um, chorando por três dias e três noites até que Carlos conseguisse reproduzir

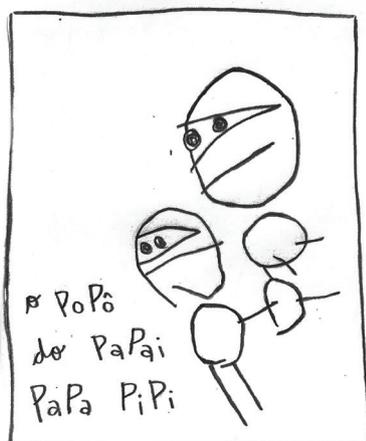


Empertigado, Carlos Subway conta a sua trajetória de dificuldades e sucessos

a receita, agora para toda a família, já desesperada. Como Maurício acumulava apenas quatro anos de idade e não dominava a fala, chamou a cuca de “cuqui”, nomenclatura carinhosamente adotada pela família Subway desde então. Carlos viu na ocasião um presságio para, décadas depois, comercializar os biscoitos na rede de sanduíches, adotando a nomenclatura cookie em solidariedade a um batalhão norte-americano que lá se alimentou antes de alçar voo para a Alemanha. “Toda vez que alguém come um cookie, é como se desse a si mesmo um pouco de minha infância, das minhas doces memórias com minha família polonesa, quando tudo era tão simples quanto peito de frango”, afirmaria Carlos Subway em entrevista a O Pasquim.

Duas semanas antes de morrer, obeso e alegre como um Churchill, Carlos de Carvalho Subway admitiu carregar apenas um remorso: não ter feito Subways o suficiente na cidade onde tudo surgiu. “Meu sonho era ver uma sanduicheria em cada esquina desse lugar que me acolheu tão bem!”, contou o doutor dos sanduíches à revista Time. Atualmente, os responsáveis por gerenciar a rede são seus netos Lukas Mostarda e Mel Subway.

RelevO Livros Infantis



O POPÔ DO PAPAÍ PAPA PIPI

O livro ideal para contar aquela novidade ao seu filho.

70 páginas

Editora Prepucinho, R\$ 19,90

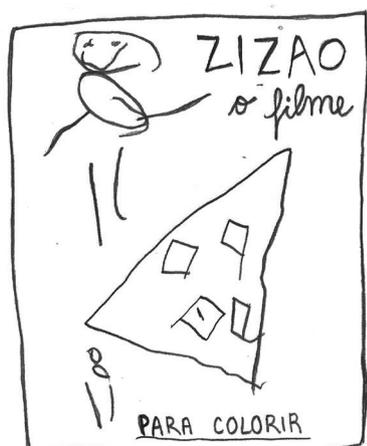


STARTUP

GABRIEL GO

HIGH STAKES
PARA QUEM
BABY!!! COM
HIGH STAKES
EVOLUÇÃO

Tecnicamente,
Editora Quem
se foder, R\$ 8



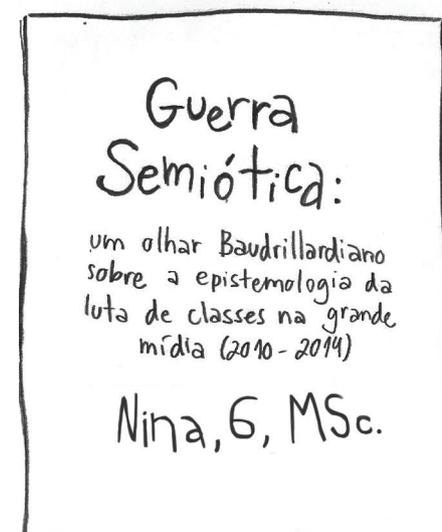
ZIZAO, O FILME (PARA COLORIR)

ANDREZINHO

O crítico de arte Andrézinho, 9, relata pictoricamente suas fortes impressões sobre o filme Zizao, a história de uma criança que nasceu com o dom de identificar memes – até se transformar em um jogador de futebol. Zizao vive para se notabilizar como o primeiro ser humano a receber uma cirurgia de desmemetização. Andrezinho nos conta se ele sobreviveu ou não.

10 Páginas

Editora Tinta da China, R\$ 24,90



GUERRA

BAUDR

TEMOL

NA GR

NINA, 6

Autoexpli

213 páginas

Editora C



COMER, DORMIR, GRAVAR

TECO TALARICO

Autobiografia ilustrada de Teco, 9, youtuber mais famoso da 4ªB.

12 páginas

Editora Vc assinou então o BB eh meu, R\$ 33



BERNARDO

JIM EGROLA

A jornada do h
poderosas ilustr
de um bombei

50 páginas

Editora Picolé

Comprando p

OP KIDS: HIGH STAKES BABY

ORFFO

ES LIFESTYLE!!!! O BOOK PERFECT
M NÃO QUER SER WASTADO DESDE
NTÉM PAPEL HIGH STAKE E TINTA
ES MINDSET MAMADEIRA MECÔNIO
ELEVAV PADRÕES INSIGHT.

um panfleto
a dá dinheiro pra esses coach tem mais é que
9,90.

RA SEMIÓTICA: UM OLHAR RILLARDIANO SOBRE A EPIS- LOGIA DA LUTA DE CLASSES ANDE MÍDIA (2010-2014)

cativo.

as
cinema Encena, R\$ 69,90

DO, O BOMBEIRO BOMBADO

IFF

herói perfeito para o infante maromba. Com
rações do autor, o livro apresenta o cotidiano
ro altruísta sob a ótica de uma leg press.

de Whey, R\$ 25
elo Clube do Assinante RelevO, 10% de juros



JESUS, UMA INFÂNCIA

JESUS LUZ (1987), ATOR, MODELO E BJ BRASILEIRO

Inéditos da vida do Salvador, do nascimento até o ENEM. Jesus era uma criança especial no sentido clínico. Com sete anos, ainda tinha dificuldades para soletrar as vogais e caçar palavras na areia. Despido de vaidade, o Salvador ressurge aqui, por meio da pena de Zíbia Gaspavento e de um amigo DJ dela, em toda a sua humanidade, demonstrando como até os grandes homens passam por dificuldades para não gastar com doce o dinheiro do pão na mercearia. Ilustrado por Ziraldo.

55 páginas
Editora Prequelas sem sequelas, R\$ 40.



X-MXN, O RETORNO DA DEMAGOGIA

MARVEL BOT #9.999

No ano 8015, após dois desastres nucleares devastarem a Terra e todas as migalhas de informação armazenada do planeta se misturarem, humanos se confundem e relatam versões mutantes de Martin Luther King e Malcolm X na tentativa de apresentar Professor Xavier e Magneto como duas grandes personalidades do passado.

77 rimas
Editora Maravilha, R\$ 20



K-TRA-K LIVRE

GILBERTO PREMIADO

“Chitãozinho coloca mais de 20 lentes de porcelana nos dentes”; “Filha de 3 anos de Ashton Kutcher e Mila Kunis bebe vinho”; “Graciele Lacerda nega uso de Photoshop em fotos”; “Pablo Vittar revela que André Marques é seu crush”; “A Fazenda 9: Marcos constrange Minerato ao falar de sua Playboy”. Qual a diferença dessa bosta para o EGO?

Várias páginas
Editora Gratidão, R\$ 90.

Caos, danação e botões

Santiago de Gunderico abriu a camisa e, com ela, abriu as portas para um novo mundo



Retrato do Jovem Santiago de Gunderico sintetiza seu espírito bonachão e festeiro.

A invenção do botão de pressão, popular alternativa ao botão costurado presente em variadas peças do vestuário contemporâneo, ocorreu no ano 1479 por, até aquele momento apenas um camponês, Santiago de Gunderico. Conhecido em Sevilha, cidade espanhola onde nasceu e passou sua breve vida, Santiago de Gunderico muito atraía a atenção da população com seu comportamento boêmio e seus gestos espaçosos. Tais atitudes culminaram que fosse rapidamente apelidado pelos conterrâneos de Santiago Caos e Danação. O fato é que Santiago era dono de uma mente inquieta e, antes mesmo de inventar o botão de pressão, já havia criado uma atração que, apenas séculos depois, se tornou muito popular ao redor do mundo: o *striptease*. O camponês, entorpecido pelo consumo intenso de vinho (os seus favoritos eram de: romã, amora, amoras-silvestres e pêra), tinha o hábito de subir no balcão da taberna que frequentava e, em um ato brusco, abrir sua camisa, estourando botões que estavam costurados em suas roupas enquanto rebojava de maneira, segundo relatos, pecaminosa. Santiago, entretanto, era atormentado com o fato de ser um sujeito mirrado com pouca massa muscular. Não por acanhamento com o próprio torso, longe disso, mas por consequência das frequentes vezes em que seus braços “finos a ponto de passar na cabeça de uma agulha” não foram capazes de arrebentar todos botões, que, de tão bem costurados, acabavam o “afogando no embaraço do anticlímax”.



Santiago, com um aspecto ermitão, praticando seu peculiar esporte ao lado de Tobias.

Estou sobre a mesa com a confiança de um carrasco e a leveza de uma guilhotina. Todos olhos me fitam com expectativa. Agarro o colarinho da minha camisa e, como se me libertasse de um casulo sufocante, puxo cada gola para um lado oposto, arrebentando os dois botões iniciais da minha singela traje superior. Infelizmente, por fracasso próprio, o terceiro botou não arrebentou. Meu antebraço fraquejou. Solto as golas, relaxo os músculos, respiro fundo e tento de novo. Nada. Não consigo arrebentar o botão. Um sentimento de letargia toma conta do meu corpo enquanto abandono o recinto, com apenas um terço do meu peito de fato despido. (...) Confesso que até quanto bem executada a Dança de Despir-se (ainda não fui abençoado com a inspiração para batizar minha provocante invenção) me causa esforço intenso. A euforia do momento é realmente intensa e me faz sentir vivo, mas depois, quando já estou com o torso devidamente nu e todos ao meu redor já voltaram às suas atividades de confraternização, eu desço do meu palco improvisado e, como não sou realeza ou sequer um frade influente,

recolho todos os botões para, quando chegar em casa, os costurar novamente à minha camisa. Ficar curvado, com o peito à mostra, caçando botões como um infante que procura besouros no gramado é uma atividade maçante e vergonhosa que me faz querer desistir. Ou, pelo menos, pensar em uma solução.

(Trecho de *Diários de Santiago*, publicado apenas em 1921).

Encarando seus próprios demônios, Santiago, sempre extrovertido e diariamente visto pelas vielas da cidade, se tornou recluso por um ano. Sua única companhia durante esse período foi Tobias, um porco selvagem que certa tarde invadiu seu jardim e nunca mais partiu. Durante esse ano recluso, suas únicas aparições públicas era nas manhãs de quinta-feira, sempre quinta-feira, quando saía de sua casa para jogar um esporte, uma variação de críquete, onde batia em uma bola com um taco e Tobias corria para buscá-la. Após os 12 meses de autoencarceramento, exatamente um ano depois do dia que decidiu se exilar, Santiago de Gunderico saiu de casa e marchou até a taberna. Lá, entre o completo silêncio dos presentes e sem falar uma palavra sequer, subiu sobre o balcão e abriu sua camisa. Nenhum botão voou, mas mesmo assim a camisa abriu com facilidade ímpar. Em segundos ele fechou a camisa e repetiu o ato. Os presentes não acreditavam no que viam. Ele havia inventado o botão de pressão.

Unindo dois discos de metal que podiam prender ao mesmo tempo qualquer tecido, o botão de pressão era abotoado com bem mais facilidade que o tradicional botão costurado, que exigia um buraco na camisa para encaixar a pequena roda suspensa por fios.

Infelizmente o ano em que Santiago ficou recluso, alheio à sociedade, também foi o ano em que foi imposta a Inquisição Espanhola. O engenho inexplicável do botão de pressão somado à libido feroz de sua dança erótica causou frenesi em Tomás de Torquemada, inquisidor-geral dos reinos de Castela e Aragão, e, em novembro de 1479, Santiago de Gunderico foi queimado vivo com acusações de bruxaria e heresia. Os inquisidores consideraram que o botão, além de maligno por sua essência, também representava a cópula, o botão inferior é o homem, o superior é a mulher. O encaixe é o pecado.

OPINIÃO

Protetor boçal, o objeto que poderia ter sido

Muitos de vocês certamente reconhecem um protetor bucal, utilizado principalmente por lutadores, ortodontistas e possíveis praticantes de hábitos sexuais pouco comentados em voz alta. Infelizmente, coube à história a cruel relegação de seu primo mais velho, o **protetor boçal**. De funcionamento muito semelhante ao das peças de silicone e da espuma vinílica acetinada que avistamos hoje, o protetor boçal consistia em inserir na boca um dispositivo de objetivo simples e alheio a ambiguidades: impedir que seu usuário proferisse asneiras.

Se o protetor bucal surgiu como resposta às desditosas lesões do boxe, no início do século 20, a primeira tentativa de formalizar o protetor boçal havia saído do papel décadas antes disso, em 1855, por meio das quixotescas empreitadas do astrônomo-astrologista, geógrafo-ocultista e numerólogo-jornalista Sir Theodore Lescott. Inspirado pelos romances de Charles Dickens – nas palavras de Lescott, “as obras me despertaram tamanho tédio a ponto de, pela primeira vez na vida, refletir melancolicamente” –, o polímata logo testou em sua fábrica copiosos métodos em busca de exequibilidade para o produto.

Para tanto, diversos materiais foram aplicados (em diversas crianças, as quais correspondiam a uma vasta parcela da mão de obra local). Sua primeira ideia consistia em pressionar os dentes assim que o protetor boçal detectasse leviandades produzidas pelo usuário. Entretanto, no planejamento se identificavam dois grandes problemas. Um deles era produzir uma máquina tão pequena e tão sofisticada a ponto de ler analogicamente uma potencial asneira para então reagir à sua concretização. A outra, mais complicada, era encontrar consumidores que em plena Inglaterra Vitoriana já não tivessem perdido os dentes.

Ainda que Sir Theo argumente ter desenvolvido uma fórmula para identificar asneiras com margem de erro irrisória, só seria possível concretizá-la em uma máquina a vapor de 50 m², o que inviabilizaria a distribuição do produto. De tal forma, retomando os postulados de seu conterrâneo Guilherme de Ockham, Lescott visou à simplificação: para o protetor boçal funcionar, bastaria que este destituísse de seus usuários a praticidade da fala, tendo eles dentes ou não. “One must remove it in order to use it”, no manifesto original. Abandonando fórmulas complexas, Lescott se ocupou de construir um

aparelho em que convergissem dois eixos: gerar desconforto suficiente para forçar o silêncio e, ao mesmo tempo, apresentar-se confortável a ponto de o uso cotidiano não fomentar lesões e demais empecilhos. “Ninguém estará impossibilitado de falar, tampouco de ouvir. Aquele que carrega consigo o protetor boçal, no entanto, haverá de proferir palavras apenas quando sentir a mais absoluta confirmação de que essas valerão a pena não só para si, mas também para seus receptores”. O inventor precisava capturar a essência da preguiça. Sem saber que era impossível, Sir Theodore Lescott confirmou que era ao menos bastante improvável.

Engana-se, todavia, quem credita a Lescott a concepção do protetor boçal. Isso porque John Locke, quando escrevia asneiras retroativas sobre o funcionamento da mente humana, havia projetado um acessório muito semelhante ao protetor, na década de 1680. Todo um capítulo do rascunho original de *Ensaio acerca do Entendimento Humano* se dedicava ao esboço de um utensílio que visasse à suspensão vocálica de “afirmações levianas, opiniões visivelmente desprovidas de alicerces e demais declarações cujo emissor não consegue se remover do centro do planeta”. O capítulo foi lamentavelmente perdido logo após Locke retornar da Holanda, em 1688. Ao ser perseguido por um faminto cão bloodhound, o teórico descartou o excerto pelo qual reservava menor afeto, distraíndo o animal, porém castrando a humanidade de tão impactante hipótese. Sir Theodore Lescott não só sabia da história como várias vezes deixou de contá-la, portando ele mesmo um protetor boçal na alvorada de suas palestras mais populares.

O sonho da invenção, afinal, durou pouco. Em questão de um ano, Lescott já havia garantido ao público que seu objeto funcionava. Alguns grupos aderiram à novidade, embora o protetor boçal tenha custado ao inventor toda a sua credibilidade no círculo de astrologia. Frustrado, investiu grande parte de seus bens em divulgação, movimento que se revelou um passo em falso, dado o alto índice de analfabetismo entre possíveis clientes, aliado ao desinteresse dos diplomados em calar a boca e o fato fulcral de que muitos dormiam de boca aberta depois do almoço. Seu patrimônio se pôs ainda mais careca no ano seguinte, quando um marinheiro ébrio se afogou com o protetor boçal e, cometendo a peripécia de

sobreviver, processou Sir Theo. O custo do processo, somado ao prejuízo das poucas vendidas peças, fez com que ele passasse por maus bocados. Foi assim que a produção do protetor boçal cessou definitivamente em 1858. Absolutamente desiludido, o inglês aprendeu da pior forma que, vide Wanessa Camargo e o *palm top*, algumas coisas simplesmente não pegam.

Houve, sim, tentativas de resgatar o objeto. Substituindo o modo analógico pelo digital, a sul-coreana Samsung fez de tudo para aplicar um novo protetor boçal em 1975, controlado por meio de um microchip. Infelizmente, conversas sobre o fim da Guerra do Vietnã, bem como tensões elevadas da Guerra Fria, impediram que os mais variados círculos sociais contivessem o entusiasmo em expor suas respectivas tolices em voz alta. Em todos os cantos do mundo, brotaram o boicote mercadológico e o desprezo por parte da classe política, de cuja sobrevivência dependia o mau funcionamento do protetor boçal. De tamanha simplicidade efluíram as conclusões mais cristalinas para a baixa adesão histórica à ferramenta: não era de interesse dos poderosos que o povo deixasse de falar merda. Também não era de interesse do povo que o povo deixasse de falar merda. A verdade é que o silêncio nunca foi muito procurado. Tendo percebido isso há mais de um século, Sir Theodore Lescott engoliu dois quilos de carvão e se matou em 1862, frutificando o primeiro suicídio *steampunk* da história. A interpretação otimista lhe confirma um lugar no rol dos homens à frente de seu tempo; a pessimista, no de homens à frente de sua espécie. Em honra dele – e de todas as asneiras repensadas e cautelosamente engavetadas –, dedicamos o dia de hoje.

REFERÊNCIAS

- KNIGHT, Henry. *Mouthpiece for cunts: the oral history of Sir Theodore Lescott*. Oxford University Press, 1977.
- _____. *Sir Theo: the bio*. Oxford University Press, 1981.
- KORRO, Pronde. *De Mainardi a Amorim: um mapa da asneira brasileira no século XXI*. Cosac Naify, 2018.
- ADU, Freddy. *Nescafé Ice e outros talentos adormecidos*. Trad. Laura Ipsom. Companhia das Letras, 2014.
- CARTER, Miroslav. *1001 invenções para não reinventar antes de morrer*. Trad. Paula Tejando. Piadas Infantis e Gastas Editora, 2015.

CBF confirma clube alemão no Brasileiro-2019

Borussia Mönchengladbach desembarca no Brasil para uma experiência transatlântica.

A Confederação Brasileira de Futebol confirmou a participação do Borussia Mönchengladbach no Brasileirão de 2019. O ato faria parte das comemorações do Ano da Alemanha no Brasil, celebrado em 2013. No entanto, a medida foi oficializada somente nesta semana, após uma extensa série de reuniões e desentendimentos que culminou na última quinta-feira (22), após a renúncia de Marquinhos Capixaba de suas funções como presidente da entidade e o fim do polêmico árbitro de vídeo pornô.

A CBF pretende manter o número de vinte participantes disputando o campeonato. Para abrir espaço para o Mönchengladbach (lê-se “Mênrengladbáh”), cinco times devem ser rebaixados ao final da temporada de 2018. A diretoria do Curitiba já protocolou recurso no STJD solicitando revogação cautelar da medida, solicitando que o torneio seja disputado com 21 clubes. “Vá catar coquinhos”, respondeu o juiz Ribamar Orosco em ofício.

“Mas já não era hora”, afirmou, em alemão, Daniel Fürtwangler, presidente do Borussia. Um dos mais populares do país, o time do oeste da Alemanha planeja

a temporada brasileira desde 2013, mas aguardava a confirmação oficial da CBF. O clube informou que divulgará mais detalhes de seu planejamento no início de dezembro, mas algumas informações já são dadas como certas pela imprensa esportiva.

O Mönchengladbach deve mandar seus jogos em Curitiba, já que a capital paranaense tem clima semelhante à cidade alemã. O time, no entanto, não irá utilizar nem a Arena da Baixada ou o Couto Pereira, já que a diretoria considera que nenhum dos estádios brasileiros têm as mínimas condições de conforto necessárias para abrigar seus torcedores, mesmo após as obras de modernização para a Copa do Mundo de 2014 do estádio que lota em jogos do Paraná.

O clube alemão analisa os últimos detalhes logísticos e burocráticos para confirmar o transporte do Borussia-Park para o Brasil. O complexo esportivo com capacidade para 54 mil espectadores deve ser desmontado a partir de janeiro e reerguido no Parque Barigüi, tradicional ponto turístico curitibano, reconhecido pelo amplo espaço verde e pela recorrência de traições conjugais nos matinhos atrás das barracas. O transporte principal deve ser realizado por meio de grandes navios cargueiros e por atletas das categorias de base.

O canal de TV a cabo Discovery Channel já anunciou que registrará imagens de todo o processo para um documentário de quinze minutos. “QUE DEMAIS!”, tuitou o apresentador Danny Forster, já sugerindo a hashtag #borrussian. Questionado sobre a dificuldade de aclimatação em terras brasileiras, o meia Jurgen Klüster foi enfático: “Ich liebe dich”. O experiente atleta, com passagem em outras equipes com muitas consoantes, espera que o Brasil esteja preparado para um campeão brasileiro de origem alemã: “Caipirinha”.

Fãs de Eric Clapton vão às ruas contra uso do termo “cleptomaníaco”

Fãs do cultuado músico questionam uso incorreto de termo, considerado pouco inclusivo

SÃO PAULO – Um amontoado de fãs do músico inglês Eric Clapton tomou as ruas da capital paulista para reivindicar um termo mais apropriado para aquele que "padece de cleptomania, um impulso mórbido que leva a pessoa a furtar coisas sem valor, apenas para satisfazer um anseio". Desde o mês passado, quando o Consulado Britânico sugeriu a adoção da grafia "clepton-maníaco" para se referir aos adoradores de “Layla” e “Tears in Heaven”, a discussão tem fomentado redes sociais internet afora, inclusive entre pessoas que trabalham.

“Tudo bem, o trocadilho existe faz tempo, mas nós queremos ser levados a sério de uma vez por todas”, disse o artista plástico Eric, 22, que, por incrível que pareça, foi nomeado em homenagem a outro Eric, o ex-futebolista francês Cantona. “Pois é, as pessoas costumam perguntar, mas meu pai, na verdade, não aprecia muito a mensagem de deus na guitarra”.

Sob gritos de "o-lê / le-ô / Clap-tô / Clap-tô", o grupo de aproximadamente 200 pessoas, segundo a Polícia Militar (e duas mil, segundo o MinhasLendasdoRock.blogspot.com), marchou pela Avenida Paulista até chegar em uma famosa livraria da região. Quando na loja, os fãs protestaram comprando todos os discos de Eric Clapton. “É uma compulsão”, disse Lyla, 12, que, por incrível que pareça, foi assim nomeada graças à música homônima do conjunto Oasis. “Eu odeio, odeio eles”, afirmou a estudante.

Ao sair da livraria com vinhos, CDs, pôsteres e um suspeito videogame em mãos – um estudante de pupilas dilatadas, visivelmente confuso, não revelou o nome, mas afirmou não conhecer Eric Clapton e postulou, não sem grande hesitação, “Bom, então acho que... Acho que vou devolver” até correr em disparada feito um violento desenho japonês –, o

amontoado de entusiastas passou a cantar “Cocaine” e todos os seus solos em uníssono. Durante um desses solos, Régis Revistta, dono de uma banca na região, perguntou se “aqueles caras que conversam com ETs” haviam retornado.

Augusto Alcântara, 53, esse sim chamado de *August* em homenagem ao disco mais vendido da carreira de Clapton, aceitou o cargo de líder do movimento “como Eric aceitou o fim do Cream”. Psicólogo de formação e leitor voraz, “escreve aí: voraz. Voraz!”, August já adaptou uma calculadora de bolso para tocar o solo de “Wonderful Tonight”. “Clapton é tudo para mim, tudo”, relatou o fundador do “Cleptongrafia.com”, site destinado a desvendar todas as letras do compositor. O assunto foi desviado assim que o repórter observou um tique nervoso nos olhos semicerrados de Alcântara, que seguia cantando “Bad love” cada vez mais alto.

August convoca fãs brasileiros às ruas desde que o antigo Ministro de Relações Exteriores, Guido Gattilho, ao demonstrar afeto pelo ex-membro dos Yardbirds, definiu-se como “eCléptico” em entrevista concedida ao Estadão. “Foi uma vergonha. Já passou da hora de darmos a cara pra bater”, comentou bufando. Gattilho acabou renunciando depois de ameaças à sua família por parte de autointitulados cleptomaníacos, ou clepton-maníacos, conforme a grafia ainda institucionalizada. “Ameaças? Isso é blasfêmia. Houve algumas ponderações, sim, e não nos arrependemos de nada”, refletiu August.

A linguista Juliana Jeffebeque distribuiu seu solo em direção contrária. “A exigência do grupo é absolutamente ridícula, e não consigo acreditar no espaço dado a essa suposta discussão”, assegurou a doutora em gramática histórica, justificando como “klepto, a raiz da palavra, vem do grego: não faz

sentido algum isso ser alterado agora”.

Visivelmente enraivecido, Augusto Alcântara respondeu: “Ah, é? A sua bunda vem do grego” à linguista. Jeffebeque se limitou a proferir que “está velha demais para esse tipo de baboseira” e que “tudo isso não passa de histrionismo”. O repórter não confirma nem nega uma procura rápida no celular para conferir o significado de histrionismo (e que, caso o leitor não saiba, significa um transtorno de personalidade “caracterizado por um padrão de emocionalidade excessiva e necessidade de chamar atenção para si mesmo”). “Poucos percebem, mas o H é a única letra do alfabeto que, em palavras nativas da língua portuguesa, não tem som algum: <https://pt.wikipedia.org/wiki/H>”, disse algum deles, soletrando o link – a essa altura não era fácil prestar atenção.

Essa polêmica está longe de terminar. Segundo August, há atos programados para mais dois anos, percorrendo diversas cidades do Brasil. O objetivo maior permanece em sancionar uma lei que puna a utilização do termo “cleptomaníaco” para se referir à condição de furto compulsivo. Sobre o distúrbio, August proclama que “obviamente não existe; o nome disso é ladrão e ponto”, sugerindo “bala e cadeia” como tratamento (ao ouvir as palavras “bala e cadeia”, um grupo de manifestantes que por ali pedia o retorno da Ditadura Militar decidiu apoiar a causa por meio de grunhidos, socos no ar e o refrão do Hino Nacional).

Perguntado se o novo significado da palavra deve ser utilizado para verdadeiros doentes por Eric Clapton (a ponto de furtar objetos relacionados ao músico) ou simplesmente englobar simpatizantes em geral – uma questão claramente não explicada ao longo desta notícia –, August rompeu as barreiras ultrassônicas da quarta-parede e acabou com o texto.

A incrível e triste história de Leopoldo Pantog, o garoto que urinava haicais

Fogo no rabo, olho maior que a barriga, ventos nos pés: nenhum desses traços descrevia o menino Leopoldo Pantog, que simplesmente nasceu poeta. Para comprová-lo, no entanto, nada precisou dizer. Tampouco houve qualquer necessidade de escrever poesia, recitar poemas ou esbravejar no sarau do centro acadêmico. Tudo que Leopoldo fez foi urinar.

Os primeiros sinais do resplendor vieram ainda nas fraldas, quando seus pais repararam em como a micção do pequeno Léo se dividia em 17 gotas poéticas, espalhadas ao redor da celulose imunda. Conforme a criança adquiria letramentos, a estrutura da urina ganhava força: aos cinco anos, Pantog expeliu seu primeiro haicai por conta própria, para surpresa dos genitores, que não tinham ideia de como lidar com a situação. Sem reprimi-lo, a família investiu no talento raro do menino, que muitas vezes deixava de jogar futebol com os amigos para ingerir muito líquido, à procura da própria habilidade.

Foi uma fase de descobertas. Filho de Basílio, arquiteto, e Adélia, arquiteta um pouco melhor, Leopoldinho adorava praia. Como qualquer criança, longos eram os anseios por se divertir na areia até o pôr-do-sol. Ainda na pré-adolescência, em um dos tantos verões passados no litoral, Leopoldo Pantog fez aquilo de que crianças se orgulham e adultos se recriminam — ele urinou no mar. O garoto, que se via incerto sobre sua condição, não aguentara os sete picolés de groselha ingeridos nos quarenta minutos anteriores ao entretenimento aquático. Mal sabia ele que sua vida mudaria para sempre, pois o resultado de seu alívio foi o livro *O Sol Despertou*, vencedor do Prêmio Jabuti de 2019. “Um divisor de águas”, Basílio e Adélia costumavam descrever em uníssono.

A partir daí, ele não cultivou mais dúvidas acerca do próprio potencial. Irritado com a expectativa criada ao redor de seu futuro na poesia, pode-se dizer que sua adolescência foi conturbada. Tudo que o pequeno gênio queria era jogar videogame em seu quarto — os literatos, no entanto, exigiam muito mais. Leopoldo precisou demonstrar suas habilidades em frente a um grupo de cientistas — e outro de poetas esotéricos — até que a questão fosse cravada de uma vez por todas. Dessa fase surgiu o compilado *Sai* (2020), em cuja capa se

via uma criança trajando um urinol na própria cabeça. Pode-se destacar o haicai “o canto do pássaro / tantas aves a esmo / foda-se. mesmo”. A erupção de um pré-adolescente rebelde se manifestava de maneira cristalina.

Mais urbano do que nunca, Pantog pouco a pouco aceitava a arte como seu destino inalterável. Já com confiança, inaugurou a “poesia de Bosch”, por meio da qual passou a atacar contemporâneos, inspirando-se em quadros do gótico flamengo. Seu objetivo ficou transparente como água em “seus haicais, tão lindos / sobre eles converso / dormi no segundo verso”. No retorno à natureza de “em volta do rio / tropeçando nas pedras / seu haicai é uma merda”, inferia-se que Pantog não conservava qualquer objetivo de ficar parado.

Os hormônios da sexualidade apenas regaram um terreno já fértil: o prolífico adolescente não tardou a lançar a *Trilogia da Perversão* (2021-2023), como se tornaria conhecida, elevando o horizonte do haicai nacional a níveis nunca antes presenciados. Sua poesia erótica, sem perder a usual indiferença, foi bem representada no haicai “essa gota que cai / na ponta do tênis / vejo ele, meu pênis”. Tamanha sensibilidade não poderia ter sido ensinada.

Aos dezenove, Pantog já evitava utilizar privadas, buscando sempre o bucolismo de se aliviar em árvores. “É natural, belo, moral; meu corpo precisa desse diálogo com a Terra”, afirmou descalço à Folha de São Paulo, em 2024. A essa altura, quem desconfiava já havia se rendido, e um de seus haicais foi adaptado para o cinema pela primeira vez. Ao invés de negociar os direitos, Leopoldo os cedeu à produtora, exigindo apenas que toda sala de cinema que exibisse *Cisto Renal* (2025) proibisse a audiência de ir ao banheiro durante o longa-metragem de 400 minutos. “Era minha chance de me conectar com um público maior”, proclamou, trajando um colar com filtro dos sonhos, já ciente do êxito da proposta. O sucesso absoluto de bilheteria lhe garantiu uma vaga no tão inacessível rol da glória crítica e popular: de um lado, pipocavam convites para participar do Domingão do Tiago Leifert; do outro, propostas para lançar ensaios críticos na editora Cosac Naify-Kéfera.

Qual toda estrela, contudo, Leopoldo sentiu os excessos da fama. A condição de figura pública o

desgastou psicologicamente após meses sob a pressão de assíduo comentador cultural. Todos queriam nadar na popularidade de Pantog, o que ficou claro com a produção de um *reality show* intitulado *Eu Também Mijo Arte* (2026), da Rede Record, no qual centenas de participantes competiam para demonstrar quem dominava mais talentos com urina. Evitando saturação, Leopoldo Pantog dava as caras apenas nas edições finais, todas recordistas de audiência entre as quatro temporadas de um programa mais massificado que o próprio nitrogênio. *Eu Também Mijo Arte* só acabou quando o próprio Pantog decidiu urinar toda a obra de Matsuo Bashō em ideogramas. O momento, reproduzido mundo afora, é tido como um dos mais marcantes da televisão brasileira.

Se na vida pública Leopoldo era só sorrisos, o fato não se repetia em seu universo pessoal: conta-se que uma crise de estresse fez com que ele urinasse enquanto dormia, molhando os lençóis com um livreto de poesia marginal. Irônico, Pantog desmentiu as acusações, e, com a sagacidade de um tio ébrio, afirmou que passaria a assinar seus poemas como “Mijaru Nakama”. Ainda que duvidoso, o episódio claramente marcou o início de uma fase negativa para o poeta: as maledicências que o cercavam se expandiram feito bexiga hidratada quando Leopoldo Pantog deu as caras em um comercial de chá cujo slogan “de saco cheio da mesmice” desagradou uniformemente. Acompanhado por câmeras toda vez que ia ao banheiro, ele surtou no saguão do Copacabana Palace em 2027. No ano seguinte, um período de incontinência urinária expeliu a fase menos poderosa do autor. Diluída, sua poesia “escorreu sem ímpeto / faltava amor / quem sabe aflito”. A crítica voltou a desconfiar, prontamente relacionando seu status popularesco com a queda de rendimento do trabalho. Por fim, o divórcio turbulento com a atriz Sofia Monique, em 2030, foi a gota d’água para levá-lo à reclusão total — o extrovertido porém enigmático Leopoldo se tornou absolutamente avesso a publicações, entrevistas e orgias de deputados federais. Como urina direcionada ao interior de cerâmica do vaso, e não na água, dele não mais se ouvia. O panorama de reclusão escorreu por três anos.

Todavia, como de praxe na literatura, do sofrimento veio o belo. Após tanto tempo no mais absoluto silêncio, Leopoldo Pantog lançou *Gotas Frias* (2033) sem alarde, de longe a obra mais aclamada, densa e reinterpretada do autor. Nela, o típico universo caloroso e veloz do poeta dá lugar a estrofes melancólicas que beiram o grotesco. Novamente, Leopoldo esticou os limites do gênero, faturando prêmios que sequer existiam — prêmios que, por sua vez, também ganharam prêmios. A crítica, sempre atrasada em relação a Pantog, precisou de meses para se dar conta de que *Gotas Frias* foi inteiramente escrito durante uma crise de pedra no rim, traço logo relacionado à metalinguagem da obra: “Usurpado / O útero pare / A uretra para”. O título é considerado leitura obrigatória no ensino médio nacional até os dias atuais.

Visando à recuperação completa, Leopoldo deixou qualquer possibilidade de zona de conforto para escrever um livro inteiro dentro de banheiros químicos. *Aonde vai a descarga?* (2035) ratificou seu lugar na literatura brasileira: qual urina após acordar, a poesia de Leopoldo Pantog permanecia essencial. Álcool e cafeína, por outro lado, foram definitivamente cortados de sua vida. O que ele não esperava cortar era a felicidade.

Àquela altura, o artista da urina resistia. Por que parar justamente agora, depois de tamanho sucesso? Ele poderia aguentar ainda muito tempo, um tempo ilimitado; por que suspender agora, quando estava no melhor, isto é, ainda não estava no melhor da micção? Somente os grandes gênios podem despejar o próprio talento em uma rota de colisão. Pois Pantog, que a cada dia enxergava sua obra com maior desprezo, optou pelo caminho mais corajoso. Em uma manhã de fevereiro, Leopoldo cometeu haraquiri artístico, anunciando sua aposentadoria da poesia, ou ao menos da poesia urinada. “Não tem graça para mim. Eu não tenho méritos. A partir de hoje, toda a minha obra será escrita com as mãos, como a de qualquer outra pessoa”, declarou em pronunciamento oficial. Para evitar qualquer risco de uso do próprio dom, o artista fez o máximo para remover a urina de sua vida. Para tanto, contratou uma equipe de médicos que mensalmente fardava sua uretra com um catéter infectado, injetando

a bactéria *Staphylococcus saprophyticus* de forma a contaminá-lo com cistite. Dessa forma, o poeta nunca apelaria para seus dotes. Outra contaminação, essa muito menos controlada, foi a da expectativa: qualquer brasileiro letrado aguardava ansiosamente por novos lançamentos, discutindo dia e noite sobre os possíveis efeitos da grande alteração em seu processo criativo. Alguns sequer acreditavam. “É tudo balela; aposto que ele até voltou a tomar café”, disparou o crítico Antonio Candido em seu aniversário de 119 anos.

Em setembro de 2037, regurgitou-se o primeiro compilado do novo Pantog, intitulado *Eu rio, eles rins*, que surpreendeu o mundo com a catastrófica falta de qualidade. Os versos, inicialmente tidos como ironia — tamanha a negligência estética — logo foram expostos como o excremento que de fato eram. Com passe livre no universo artístico desde a infância, a verdade é que Leopoldo nunca se deu ao trabalho de desenvolver a escrita, tampouco qualquer repertório notável de referências. A sequência, *Pipi* (2038), confirmou a maior derrocada brasileira desde que Euclides da Cunha foi morto pelo amante da própria esposa. Em questão de semanas, o poeta perdeu o contrato milionário com a editora e o patrocínio de suplemento vitamínico que o acompanhava desde seu segundo livro. Desolado, chorou até se desidratar. Desidratado, sofreu de insuficiência renal grave.

Leopoldo Pantog, nosso maior poeta em décadas, morreu em 30 de novembro de 2039, data tristemente conhecida como o dia em que o Brasil mijou. Pantog deixou uma dúzia de livros de poesia que inspiraram artistas, arquitetos e cozinheiros. Poeta máximo, em sua produção não consta uma gota em prosa, tampouco desventuras que não pudesse sustentar com o peso da própria uretra. Também não proporcionou herdeiros — biológicos, isto é, pois os discípulos na arte não caberiam na Amazônia.

Tempus fugit: como urina na chuva, a vida sucumbiu. Sua inesquecível obra, pelo contrário, segue inexorável. Assim sendo, apenas um fulgurante haicai da Trilogia da Perversão pode encerrar estas memórias: “papeira ou caxumba / infla o pescoço / mas não a bunda”. Viva Pantog.

Maximilian Gutemberg, o pioneiro da arte do benzimento ateísta

Desde a noite de chuva fresquinha em que o primeiro padre pegou em um microfone e percebeu que, com o auxílio do aparato e de um coroinha loiro eficiente que manjava de códigos-fonte, a voz d'Ele alcançava mais pessoas, a tecnologia tem sido uma poderosa aliada da fé e do misticismo. Entretanto, a disputa desigual entre os domínios da ciência e os domínios dos mistérios sagrados tem desapropriado simpatizantes de ambos os lados ao acesso a bens de consumo que fazem contraponto direto a uma doutrina ou outra. Por exemplo, é quase inaceitável para um cristão ortodoxo e casado ser visto frequentando casas de burlesco (mesmo as dedicadas exclusivamente para esse nicho) e, da mesma forma, é embaraçoso para um ateu não transante admitir que, para reverter possíveis marés de azar, o melhor seria procurar uma benzedeira.

Após a vigésima sétima dor de cabeça registrada pela esposa naquele mês, Maximillian estava começando a ficar preocupado que o ímpeto da medicina, então concentrado nas cartelas esvaziadas de neosaldina e aspirina, não estavam dando conta do problema. A cefaleia, como chamam os especialistas, pode ter várias causas: estresse, esgotamento físico, gripe, desidratação, problema no fígado, enxaqueca – como também pode ser um sintoma de algo maior, como um acidente vascular cerebral ou poesia. Ciente da ameaça, Maximillian comparava a tabela de preços dos hospitais com a tentadora possibilidade da cura não ortodoxa por meio da fé: ouvira um colega no trabalho falar, em tom de preocupação, que uma benzedeira havia lhe tirado um mal-estar das costas que o privara do sono por três noites consecutivas certa feita. Numa madrugada de insônia, assistiu um documentário do Discovery em que uma benzedeira curara um bezerro com cólicas terríveis e dois estudantes de História, nessa ordem, e sem cobrar dos estudantes.

“Não custa nada tentar, meu bem” murmurou Cristiane, do sofá, com a toalha tapando os olhos. A única coisa que impedia Maximillian era seu inabalável

ceticismo perante o mágico e o oculto. Conhecido em seus círculos sociais pela sua formação de engenheiro mecânico, pela sua recorrente defesa do Estado Laico e por sua predileção pela revista Super Interessante, principalmente da fase em que tinha mais dinossauro do que sociólogo nas páginas internas, Maximillian jamais aceitaria que benzer seria mais eficaz que trezentas gramas de Naldecon ou Cytotec, conforme o erro ortográfico da bula. “Se não funcionar aí sim a gente vai pro hospital” complementou a esposa, antevendo o suspiro de sarcasmo do marido.

Uma calorosa recepção da vovó Alzira, o café e o custo totalmente grátis da operação aliviaram os nervos de Maximillian, que aguardou por alguns minutos a sessão de benzimento acabar na salinha humildemente decorada com artigos de crochê, as fotos dos netos e uma estátua de anjo que, nas mãos, levava uma pequena harpa. Cristiane, com um sorriso que exibia os caninos, reapareceu, acompanhada da benzedeira e, aparentemente, livre das dores. Somente após a discussão no carro ocorrida que Maximillian teve sua epifania:

– Quer dizer então que agora você acredita em benzimento? Acredita no poder da cura pela fé? – resmungava ele, de braços cruzados, do banco do carona.

– Credo, Max. Não é que eu acredite. Mas é que funcionou, ué.

– Então! Isso significa que você acredita. Isso aí é puro placebo, Cris.

– Claro que não acredito. Poxa, Max, eu tenho ensino superior, é claro que essas coisas não funcionam. Mas é que dessa vez funcionou.

– Dessa vez? Como assim, só dessa vez então? Todas as outras pessoas foi efeito placebo, menos você?

Cristiane levou o carro até o acostamento e estacionou. Puxou o freio de mão com força e encarou o marido nos olhos:

– Sabe de uma coisa, Max? A gente vai voltar lá. A gente vai voltar agora, porque você também precisa se benzer. Você tem essa energia negativa, essa coisa

ruim de ser um incrédulo o tempo todo. Vou pedir pra vó Alzira te dar um benzimento especial pra você ficar mais calmo.

– Mas de jeito nenhum! Eu não vou reforçar positivamente o discurso retrógrado do benzimento como recurso medicinal.

– Não é retrógrado, Max! Olha pra mim, você não está vendo como o negócio funcionou?

– Tá, vamos supor que funcionou mesmo. Qual é o grande segredo? É um poder especial da benzedeira? Porque eu garanto que deve ter vídeo no YouTube ensinando a benzer, Cristiane. Não é nenhuma habilidade mágica não, é só convencimento. Eu mesmo aposto que consigo benzer alguém e “curar” alguma pessoa se eu tentar.

– Não é assim que funciona!

– Claro que é! Aliás, chegando em casa a primeira coisa que eu vou fazer é tirar isso a limpo, Cris. Eu vou pesquisar como funciona o benzimento e mostrar que não passa de charlatanismo.

Meticuloso, Maximillian viria a descobrir que existem centenas de vídeos e tutoriais online ensinando rezas, simpatias e benzimentos voltados à resolução dos mais variados problemas. Era incrível que a prática estivesse, por um lado, tão desenvolvida e, por outro, tão desacreditada pela população cada vez mais secularizada. Logo veio o estalo: por que não unir o útil ao agradável em um método de benzimento que opera justamente por meio da descrença, do ceticismo e do secularismo?

– Cris, pode espalhar a palavra entre suas amigas – exclamou Maximillian, fechando o notebook, levantando do sofá e assustando o cachorro Pederneiras: – estou oferecendo serviços de benzimento.

– Não acredito.

– Exatamente: diferentemente dos serviços de fé, oferecerei um benzimento especial voltado para ateus e agnósticos que não acreditam em nada sem o devido suporte empírico.

– Como RAIOS isso vai funcionar, Max? Agora sim você está sendo charlatão e retrógrado.

– Não estou não! Em primeiro lugar, não existe nenhuma lei que fiscalize o ato do benzimento. Eu não preciso nem gerar nota fiscal. E, outra, eu só preciso de alguns voluntários pra testar meu método. Com o impulsionamento pago do Facebook, eu aposto que até a semana que vem eu já arranjo umas dez pessoas.

Obscuro e questionável, o método de Maximillian Gutemberg, não obstante, funcionava: não tardou para que se formasse uma legião de clientes fiéis que compareciam semanalmente para sessões de benzimento, sob a justificativa de mazelas como dificuldade para realizar seus objetivos, falta de foco, falta de dinheiro, falta de objetivos ou falta do que fazer. Alguns poucos traziam os problemas que

Feira de Profissões do Futuro

A Universidade RelevO apresenta em caráter de boa urgência a sua 1.ª Feira de Profissões do Futuro, onde apresentaremos as nossas novas propostas de curso. Queremos que o seu filho que trabalhará de casa enquanto joga videogame sem camiseta, saindo do quarto apenas para comer e irritar a avó doente, venha se juntar a nós!

INVESTIGADOR DE HIPER-REALIDADE

No que consiste: Ser um gif, um meme ou um verdureiro? O investigador de Hiper-Realidade verifica se a pessoa é uma conta de Instagram ou uma pessoa mesmo.

Duração: Uma aba

Custo: 300 bitcoins

UBERISTA

No que consiste: Uber é conceito. Uber é ser à frente. Uber é Uber. O profissional uberista investiga nichos onde o conceito de Uber pode ser aplicado ao cotidiano: temos um Uber para panificadoras? Qual é o árbitro mais barato para o campeonato interbairros? Como aplicar o conceito numa galeria de arte com estudantes de História e de Punhetagem?

Duração: Uma mostra ou um cacetinho

Custo: R\$ 2.000,00/dia ou o carro que ganhou de presente do pai quando completou 18 anos

MÉDICO CERVEJEIRO

No que consiste: A epidemia de cervejarias artesanais é uma questão que vem despertando diversos estudos de acadêmicos da área da saúde e da psicologia clínica, todos atentos ao bacilo causador da patologia: o mestre cervejeiro. Muitas vezes, o mestre cervejeiro precisa ser contido antes de investir os primeiros milhares nos tonéis e nas sacas de lúpulo, e a intervenção física (somente em último caso) faz-se necessária.

O curso de médico cervejeiro prepara o profissional da saúde para possíveis intervenções que vão do nível básico (convencer o bacilo a mudar de ideia sobre o empreendimento) até questões mais complexas (reciclagem das garrafas vazias e infusão anal das garrafas vazias), dando noções básicas de wrestling, de perdigotos e de bons charutos com dificuldade de cicatrização quando em contato com a pele.

Duração: Duas ipas

Custo: gratuito (trata-se de um controle epidêmico)

ARQUEOLOGISTA DE TWITTER

No que consiste: Profissional responsável por cavoucar tuítes constrangedores de famosos, de pessoas comuns e até mesmo de subcelebridades e animais de subcelebridades, o arqueologista de Twitter aprende a separar o mundo por tags, e as tags, por oportunidades.

Duração: 280 caracteres

Custo: Adoção de um booktuber

SOMMELIER DE GRUPO DE WHATSAPP

No que consiste: Curador especializado em indicar os grupos mais produtivos de acordo com a ideia de produtividade do indivíduo.

O Sommelier de grupo de WhatsApp sabe como identificar a hora certa de retirar todo o seu dinheiro do banco antes que o governo confisque sua poupança ou prescrever o melhor vídeo de duas mulheres lutando numa banheira de sabão ao som de Linkin Park.

Duração: 8 horas de bateria

Custo: Um Motorola e um voto populista

AGITADOR DE CONTEÚDO DE WHATSAPP

No que consiste: Promotor de conteúdo com capacidade de comprovar ao usuário que a última polêmica das redes sociais deve ser acompanhada, discutida e, por fim, resultante em violência verbal ou física. O agitador de conteúdo de WhatsApp sabe que liberdade é combate e nunca fica sem wi-fi, mesmo doidaço de LSD.

Duração: Uma polêmica

Custo: Dos advogados e do Fabinho, o fornecedor do condomínio

RETRATISTA DE EMOJI

No que consiste: A verdadeira arte contemporânea não se limita aos museus ou ao trabalho jogado no lixo de modo involuntário durante uma faxina. Arte é texto-suporte, arte é casar rima com urina, arte é saber que o emoji também é resignificação da arte, partindo do pressuposto de que a linguagem é um sistema adaptativo e nós não sabemos pintar paisagens com aquarela, mas manjamos de pictogramas de berinjela #delícia #rimou

Duração: Um flashmob com aparelhos móveis antigos

Custo: Usar a palavra webmail em todos os artigos

ENSAÍSTA DE MEME

No que consiste: O ensaísta de meme não se conforma com a proliferação não crítica do meme e, portanto, volta com o fubá quando você vai com o milho. O ensaísta de meme, qual um sommelier de grupo de WhatsApp, atua como um bandeirinha da Lei de Poe, preparando-se por anos para avaliar quais produtos de humor versão web podem sobreviver com as próprias pernas. QUEM POSTA GIF DA GRETCHEN É RETARDADO.

Duração: Um mestrado sobre Kant

Custo: Lamber o saco de algum professor de Sociologia em troca de uma bolsa de estudos



NA PRÓXIMA EDIÇÃO:

- Após série de maus resultados, Jesus de Nazaré é demitido do cristianismo. Simão Pedro assume interinamente.
- “Minha banda de um homem só se separou”: o emocionante relato do músico Diogo Damiani.
- “Nossa escola não aceitará o argumento de que seu filho é um gif”: uma carta aberta



**UNIVERSIDADE
POSITIVO**
COMPLETA SUA FORÇA



**A NOVA CASA
DOS CURSOS DE
COMUNICAÇÃO E DESIGN**

UNIVERSIDADE POSITIVO
SANTOS ANDRADE

VESTIBULAR 2018

INSCRIÇÕES ABERTAS

UP.EDU.BR